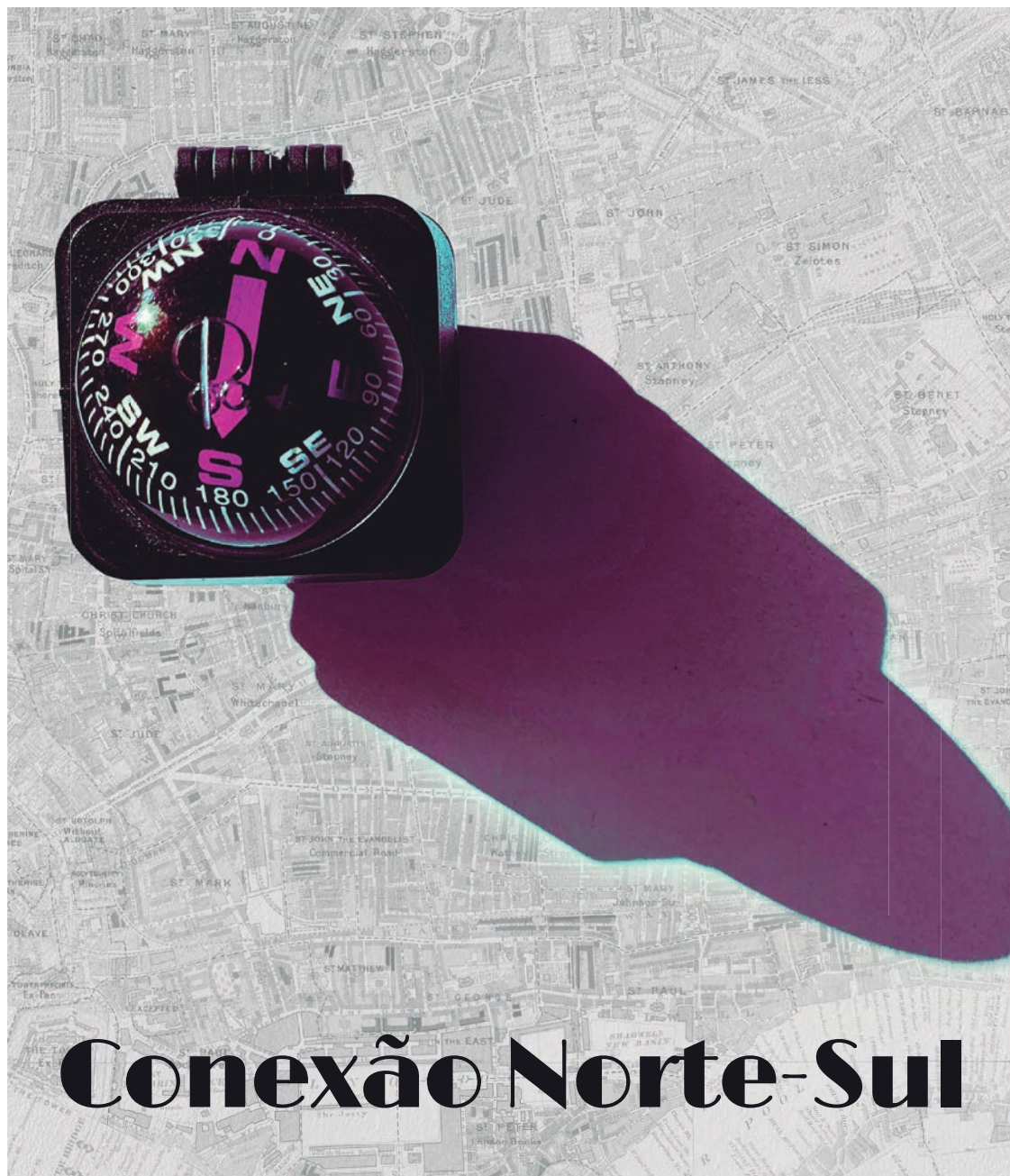


# texturas<sup>08</sup>

 **Revista Literária da Oficina da Palavra • Dezembro • 2022**



## Conexão Norte-Sul

**Crônicas • Contos • Poemas • Experimentos**



**OFICINA DA PALAVRA PUBLICAÇÕES**

cynthia@ofpalavra.com.br

+55 (48) 9 8481-0843

Instagram: @oficina\_da\_palavra

[www.ofpalavra.com.br](http://www.ofpalavra.com.br)

**REVISTA TEXTURAS Nº 8**

**DIREÇÃO DE ARTE, PROJETO  
GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:**

Ítalo Mendonça ([www.italomen.com.br](http://www.italomen.com.br))

**EDIÇÃO E REVISÃO GERAL:**

Cyntia de Oliveira e Silva

**IMAGEM DA CAPA:**

*'Bússola 1'*

fotografia de Cyntia Silva, com edição  
digital de Ítalo Mendonça, 2022.

OFICINA DA PALAVRA

Revista Texturas.

v.1, n.8(dez. 2022) – Florianópolis: Oficina da Palavra Publicações, 2022. 104 f.: il  
“Vários colaboradores”

Semestral

Publicada também como Revista Eletrônica em pdf e em formato de áudio no *site* da Oficina da  
Palavra ([www.ofpalavra.com.br](http://www.ofpalavra.com.br)).

1. Literatura - Periódico. 2. Conto e crônica. 3. Poesia. 4. Fotografia. 5.Arte.

# Sumário

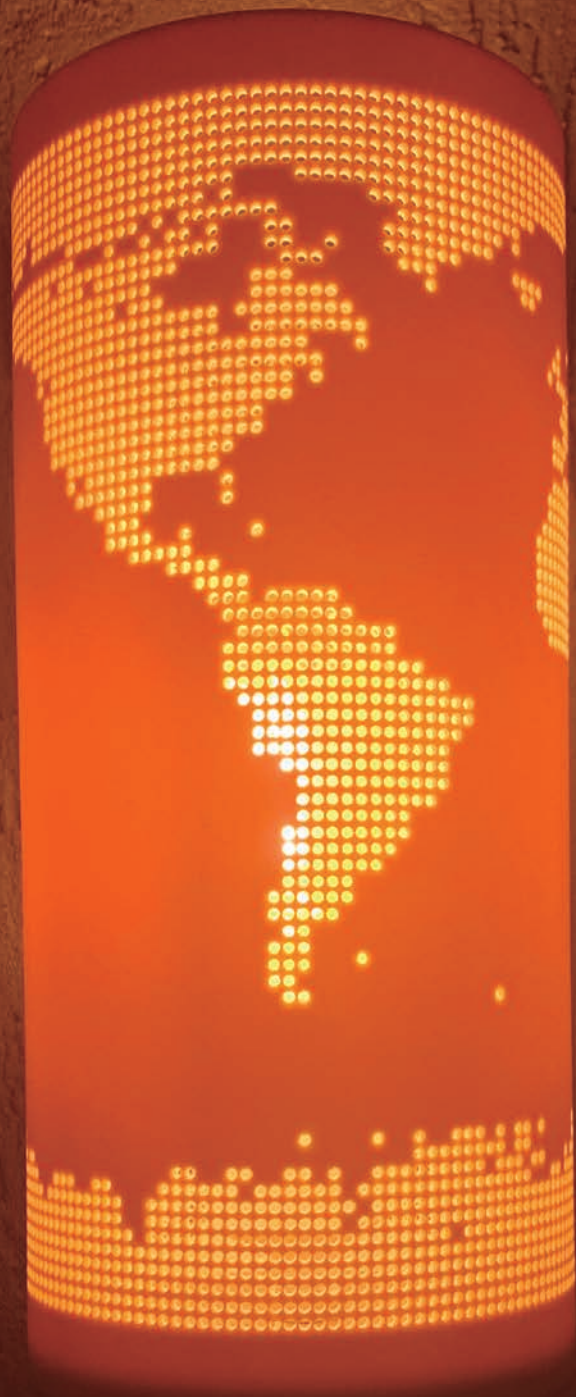
04 · Editorial · *Cyntia Silva*

## POEMAS

- 08 · Poemas · *Aline Maciel*
- 12 · Funeral · *Demétrio Panarotto*
- 16 · Pandemia · *Bernardo de França Silva*
- 18 · Praça XV · *Denise de Castro*
- 20 · Chão de água e outros poemas · *Roney Prazeres*
- 24 · Poemas · *Leonardo de Oliveira*
- 28 · Condição Atmosférica e outro poema · *Lara Utzig*
- 32 · Meus olhos história e outros poemas · *Raimundo Neto*
- 36 · 7 poemas em lá menor e outro · *Dinovaldo Gilioli*
- 40 · Olhares e outros poemas · *Alissom Braga*
- 42 · Poema · *Adriana Ribeiro*
- 44 · Poema · *Juliana Sell*
- 48 · Poemas · *Zé Amorim*
- 52 · Sobre esperar · *Rosane Cordeiro*

## PROSAS

- 58 · Criança colecionando figurinhas · *Jeana Lexau*
- 60 · Self service · *Daphne Fayad*
- 64 · A história de uma Glória · *Susana Barros*
- 68 · Borboleta · *André Soltau*
- 72 · Sensoriais · *Viviane Colucci, Daphne Fayad, Luan Magarão de França e Graça Brum*
- 78 · Cartas Pedagógicas · *Cyntia de Oliveira e Silva e Ana Lúcia Souza de Freitas*
  
- 100 · Créditos Finais



*Conexão Norte-Sul.*  
Foto de *Cyntia Silva*.  
Florianópolis-SC, 2022.

# Editorial

**TEXTURAS 8** nasce com um curto respiro de alívio. Após nossa *Trincheira Poética*, na edição passada, este número chega com o fim (por pouco) do governo genocida da extrema-direita de Bolsonaro. Contudo, ainda continuaremos com um país extremamente desigual e, pior, com muitos trabalhadores e trabalhadoras capturados pela influência nefasta desse campo político que abraça bandeiras fascistas. Os desafios políticos são gigantescos e continuaremos fazendo da arte um dos espaços desta batalha.

Ao convidar autoras e autores, não defini tema específico para os textos. Como sempre, costuro a edição a partir das colaborações recebidas. A literatura e algumas ilustrações vieram de várias partes do Brasil. Nesta edição, além de Santa Catarina, temos representantes do Amapá, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul. Por isso CONEXÃO NORETE-SUL.

A poesia é maioria e traz as vozes de *Aline Maciel, Demétrio Panarotto, Bernardo de França Silva, Denise de Castro, Roney Prazeres, Leonardo de Oliveira, Lara Utzig, Raimundo Neto, Dinivaldo Gilioli, Alissom Braga, Adriana Ribeiro, Juliana Sell, Zé Amorim e Rosane Cordeiro*.

Na parte dedicada à prosa, agrupamos os textos de *Jeana Lexau, Daphne Fayad, Susana Barros e André Soltau*.

Publicamos nesta edição, também, algumas produções de participantes de nossa *Oficina de Desbloqueio para a Escrita*, realizada no *Espaço Cultural Wagner Segura* em outubro e novembro deste ano. São

registros sensoriais e uma crônica.

Colaboraram para as ilustrações: *Aog Rocha, Gildson Lima, Glória Braga, Juliana Sell, Lidia Quaresma, Lorenzo Panarotto, Marcelo Vaz Cabral e eu (Cyntia Silva)*.

A revista finaliza com um abre-alas para a próxima edição: a troca de cartas-pedagógicas entre mim e *Ana Lúcia Freitas*, professora que vive atualmente em Paris e, com outras mulheres imigrantes leitoras de Paulo Freire, organizam encontro anual em homenagem ao patrono da educação brasileira e símbolo de resistência: Paulo Freire. A literatura em forma de cartas será destaque da próxima edição, inspirada em dialogismo, potências, “bonitezas” e “andarilhagens”.

Lembro que publicamos, também, uma edição em áudio da revista: *Texturas Sonoras*. Ela está disponível nos principais agregadores de *podcast* da internet, no perfil da Oficina da Palavra (confira o link em nosso site).

Que a leitura nos inspire! Os desafios vindouros são enormes e a arte continua sendo nossa trincheira.

Um abraço camarada.

**Cyntia Silva.**

Florianópolis/SC, dezembro de 2022.



# Poemas & Formas Livres



*Força em perspectiva.*  
Fotografia por *Cyntia Silva*.  
Florianópolis/SC, novembro de 2022.



**Aline Maciel.** (1983) Nasceu em Porto Alegre e vive em Florianópolis há 27 anos. É mediadora de leitura, formadora, contadora de histórias, escritora e musicista. Mestre e Bacharel em Letras Inglês e Literaturas pela UFSC. Desenvolve seu trabalho na Cia Mafagafos com projetos e atividades nas áreas de contação de histórias, música, literatura e livros. Instagram@alinemacielandando

**EU SOU** um ser que sonha  
sonha junto, sonha só  
sonha em ser, em ter, sentir  
sonha mais que dorme  
e acorda só

vem mais um sol  
morre outra flor  
passa outro pássaro  
nasce outro céu

sigo sendo um ser que sonha  
e esquece do tempo  
que nunca me pertenceu  
e vive o momento  
por mais que não seja só meu

a mente, inquieta, alcança  
o desejo de estar em mim  
e o corpo, cansado, descansa  
no fundo não há mais fim

hoje só quero ser  
hoje só quero sorte  
hoje só quero saúde

seguir sincera  
no sonhar

**TRANSITO ENTRE** o ódio e o medo  
tentando equilibrar  
o que é da tela, o que é da pele  
difícil de separar  
passando o dedo vou vendo  
focando as letras vou lendo  
buscar sentido é em vão  
mulher que fica sem chão  
pisa no sonho e vai sendo

(uma mulher foi estuprada pelo anestesista enquanto  
passava por uma cesariana)

(“nem todo homem, mas sempre um homem”)

**CADA CASA** tem seu mistério  
Cada dia um novo lar  
Por mais que exista uma ordem  
Também é preciso desapegar

Cada casa tem seu mistério  
Cada ser um bem estar  
Um canto é preferido hoje  
Amanhã já deixo de estar

Cada casa tem seu mistério  
Cada coisa uma história a contar  
Guardo lembrança na memória  
Deixo o que a lembra se entregar

Cada casa tem seu mistério  
Cada casa um movimento  
Cada casa acolhe quem entra  
Cada casa muda com o tempo ☪



**Demétrio Panarotto.** (1969 - ) Nasceu em Chapecó-SC. É um músico, compositor, pesquisador, professor e literato brasileiro. Paralelamente a uma carreira musical com a *Banda Repolho* e projetos alternativos, louvados pela sua originalidade e irreverência, desenvolve atividades como acadêmico, palestrante e escritor. Publicou vários livros de poesia e prosa que lhe valeram o reconhecimento como um dos nomes de destaque da nova literatura do estado de Santa Catarina. O mais recente, *sem ensaio*, 2022, Kotter Portugal.

**Lorenzo Panarotto.** (2008 - ) É natural de Florianópolis-SC e há 14 anos brinca com palavras, traços, sabores e sons. Toca violoncello desde os oito e gosta de dizer que é artista. Vive em Linhares-ES e tenta mover de alguma forma o espírito cultural da cidade.

# Funeral

## AS PESSOAS NA PROA

no convés de pessoa quando  
na canoa encanou o vento  
onde o verso entoa atoa toa  
toada de defunto  
esfumaçado em goiabeira  
enquanto os marinheiros poetas  
uivavam  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*

ouro de dízimo canônico  
cheiro na alegoria do dinheiro  
ore, dore, por favor, chore, implore  
afinal, pimenta no café é  
pr'alma ensandecida borra que  
escorre no desfiladeiro da garganta  
onde os uivos protelam mágoas  
na medida  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*

reporto o soluço  
necrosado no osso do peito  
maquiavélico  
do caule ao sacrifício  
premonitório  
cabeças que dançam sem os  
corpos tortos mortos  
regurgitando com  
um sorriso sardônico  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*

é prazer ar ou pra zerar  
o verbo não reagia a verborragia  
do dilúvio então o uivo dos  
comandantes em dias brados e retumbantes  
patéticos na ética de Platão  
poéticos na patética de Aristóteles  
e malfeitores de mímises  
celebravam  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*

nem o precipício salva  
quando me vejo no espelho  
nem mesmo principio o vento  
relho me esguelho e anseio  
não sou príncipe na primazia  
primata que envenena o que sobra  
de vulnerável na mata e mata  
consciente o verbo  
onipresente  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*

O poeta estava de castigo  
no caralho atento a  
exumar o estrume no vento  
exu, trocadilho infame  
mar, ame o troca troca  
de um caudilho encantado  
com os urubus assoviando nos  
ouvidos dos pássaros  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*

cinematógrafo mental  
mentolado no tombadilho  
o senhor das moscas  
Exu Péry dos males  
às vezes pazzo  
deveras Pasolini  
encantava os “bocaberta”  
a mosca não é oca  
talvez seja eco  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*

o corpo do poeta  
grafado no convés  
árido seco ignoto  
louco varrido pelos marujos  
para o esgoto da palavra  
esgotado e relendo a vida  
gota por gota em um mar  
de lágrimas salgadas  
balbucia  
*tous à la mort*  
*tous à la mort*  
*tous à la mort* ☞

**Bernardo de França da Silva.** (1992 - ) Nasceu na Ilha de Santa Catarina. É formado em Letras-Português pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), trabalhando atualmente como servidor técnico administrativo na instituição. Descobriu a poesia aos 11 anos de idade no verde das árvores de sua rua. É torcedor do Figueirense Futebol Clube, sua maior paixão.

*Textura da chuva sobre o vidro*  
fotografia por *Cyntia Silva*.  
Florianópolis/SC, novembro de 2022.



# PANDEMIA

Quando éramos nós  
eu via uma casinha colorida  
no alto da favela  
e na janela  
a dona da casa sorria

Quando éramos nós  
as melodias resistiam  
como sabiás no concreto  
havia um sentimento  
de bruto pertencimento

Elo intangível  
fruto do tempo

um só corpo dava forma  
a chama fagulhando  
as memórias de dentro  
meus olhos não pesavam tanto

Quando éramos nós  
não meditava  
nem assistia a Monja Coen  
pra poder me sentir bem

chove muito nessa cidade  
como há muito não chovia  
preciso forçar a alegria  
amontoar o lixo para tempestade

trabalhadores fazem greve  
entrou água em minha alma  
diante do cinza  
fez um arco íris

Todos fotografaram, desesperados.

Outro dia descobriram o sol  
enquanto meu clube era rebaixado.

estou aprendendo a lavar louça  
enxugar os dedos na toalha  
viver o presente  
me perpetuar nas ínfimas coisas

Malditas coisas.

tudo, tudo, tudo que nós temos  
é esse ar indizível  
que não pode ser respeitado

- pandemia -

tudo, tudo, tudo que eu tenho  
é nós – você  
eu,  
emaranhado de potência  
sem direção.

Ainda.

Bendito seja o nome do Pai  
Desta tragédia.  
(o fruto de ontem caiu hoje). ☪

01/02/2021.



*Praça XV*

Fotografia feita por *Cyntia Silva*.

Florianópolis/SC, julho de 2017.

**Denise de Castro.** (1965 - ) é compositora, cantora e pianista, nascida em Florianópolis/SC. Graduada em Licenciatura em Música pelo Centro de Artes da UDESC, possui rica experiência profissional, com vivência por 4 anos com shows de música popular brasileira em bares, teatros e casas de show em Portugal e Espanha. É professora de piano, teclado e canto popular no *Espaço Cultural Wagner Segura* e nas *Oficinas Culturais* do DAC/UFSC em Florianópolis. Premiada em diversos concursos musicais, lançou, em 2019, seu livro *Poesia Nos Olhos* pela Editora Insular. É compositora e intérprete da trilha original do documentário cinematográfico *Eglê Malheiros*. Além de participar em várias gravações de outros artistas da cidade, tem dois álbuns com composições próprias: *Espírito da Terra* e o *Todas As Ondas*. Ocupa a **cadeira 22** (patrona Neide Maria Rosa) da Academia Catarinense de Letras e Artes-ACLA.

# Praça XV

**ONTEM AO OLHAR A PRAÇA VAZIA** testemunhei um encontro pressentido: num canto bem iluminado estavam lá tecendo tramas a Prosa e a Poesia. Então é assim? Aproveitam-se do sono dos viventes e da cumplicidade da noite para escolherem a quem suscitarão descompasso. Eu, segura em minha distância, fechei rápido a minha janela e pensei: estou incólume posto que só espreitei. De pronto a Melancolia (serva fiel das duas em conluio) encheu-me de uma chuva fina, transbordando-me, transmutando-me ora em vento que a tudo chega ora em pedra que se faz imutável. ☾

04/04/22



**Roney Prazeres.** (1966- ) Natural de Florianópolis/SC, é advogado e fotógrafo amador que adora fotografar o antigo. Tem grande fascínio pelo passado. Acha mesmo que nasceu, mas ficou em outro lugar!

*Espera*

Fotografia de *Cyntia Silva*.  
Maracajaú/RN, 2021.

## Chão de Água

Sentado aos pés do mar  
Olho o horizonte  
Querendo beber o oceano  
E navegar sem data de volta

Tanto mar para rasgar  
Tanto oceano por vencer  
Tanto caminho de água  
E aqui estou: no porto

Tanto chão por conhecer  
Tanta vida por saber  
E apenas o meu olhar viaja  
Na linha do mar

Meu corpo fica no cais  
Minha alma vai na distância  
Sou navegante sem nau  
Navio sem comandante

Meu espírito flutua  
A terra não me prende  
O mar me chama  
Vou correr um chão de água!

## Temporal

Vejo pela porta aberta as nuvens que chegam  
trazendo o temporal. Sem formas previsíveis, sem  
ruído ou ventania.

Deixo a porta aberta só para ver a chuva  
entrar, para que ela lave as tábuas da sala,  
para que mude as cores do chão, para que faça dese-  
nhos no soalho.

Deixo a chuva entrar para me dizer verdades,  
para que me jogue na cara a realidade do  
tempo lá fora, a temperatura da vida, a  
temperatura da alma.

Deixo que a chuva se espalhe por janelas,  
camas, tapetes, para que eu a tenha mais  
perto, para que eu a sinta, para que eu me  
inunde com o cheiro da terra molhada.

## Ventania

O que eu vejo  
Está para além da tramela  
Da porta entreaberta

Para além do horizonte  
No fim do mar  
Que o meu olhar  
Alcança na lonjura

O que eu vejo  
É algo que está chegando  
Em um vento vindo do  
oceano  
E que ainda sopra leve

Mas que em breve será  
ventania!

## Poeminha

Névoa enlouquecida e nua  
Que cobre a praia e esconde a lua  
Que me proíbe o teu corpo

E assim sigo como um poeta morto  
Carregado em cortejo pelo mar  
Impedido de beijar a tua boca  
Condenado para sempre a navegar

## Destino

Vigília na noite  
Esperando barcos ou poemas  
Não sei  
Tanto faz  
Uma vida entre Oceanos e Sonhos


Isto sim é um grande Destino ☪



*Luar mais perto da África.*

Fotografia de Cyntia Silva.

Maracajaú/RN, 2021.



A poesia  
Ainda é pouco  
Pro que quero dizer.  
Deixo versos em aberto,  
Pra quando a palavra couber.

*Poesia na paisagem.*

Fotografia de *Cyntia Silva*.

Novembro de 2022, Florianópolis/SC.



## **Leonardo de Oliveira.** (1989 -)

Nascido em Cachoeira do Sul - RS, é poeta, músico, psicólogo, mestrando no PPGPSI da UFRGS, onde pesquisa arte com a população de rua de Porto Alegre. Participa de projetos de música experimental, com os quais já lançou EPs e singles e do coletivo *Projeto Ocupação Cultural*. Autor do livro de poesias “**O Ano do Elefante**” publicado em 2022, pelo selo Artera, da Editora Appris. Publicou em diversas revistas literárias do país e tem súbitos interesses na fauna de exoplanetas, e nas propriedades nutricionais da quinta diminuta e dos delírios surrealistas das cigarras e seu sul possível. Busca alianças poéticas contra a inquisição espanhola na observação do micro bestário terráqueo e seus rodinhos de pia.

## **DESVANTAGENS** de ser poeta:

Sentir tudo quanto fosse verso,  
Achar na tristeza que é Pessoa,  
Propor cartas de amor e saudade,  
Pra colar os cacós,  
Mas errar o alvo da flecha.  
Sentir gosto de chá amargo nas notícias,  
E cheiros doces de nuvens distantes,  
Sempre distantes.  
Praticar anti culinárias,  
Ingerir a paixão antes de cozinhar em fogo brando.  
Observar pássaros como quem abraça a língua.  
Chorar e chorar, às vezes sem metáforas ou metonímias.  
Achar circos na poeira do ventilador  
(Não limpar o ventilador).  
Sonhar borbulhas mesmo em campos secos.  
Vislumbrar o surrealismo no relevo da parede.  
Se importar com os arco íris do banheiro  
Mais do que com o seguro de vida,  
E com uma vida segura.  
Beber a solidão da boca,  
Como quem nunca soube da gravidade dos planetas.  
Inventar luas em Vênus e seus nomes:  
Miralva  
Virgínia  
Conceição  
Matilde e  
Sueli.  
Dormir mais cedo,  
Para que a noite não me derrube das alturas.  
Acordar tarde  
Pra que a manhã não me envenene.

**ABAIXO DA SUPERFÍCIE** dos encontros

Uma ciranda de sabores oblíquos,  
Portas entreabertas pelos ventos,  
Uma pilha de cartas não enviadas,  
Talvez sejam endereçadas a mim.  
Abaixo da presença e da falta  
Rumores da biblioteca de Alexandria,  
Ruínas das catarses do Coliseu,  
Roma em chamas.  
Por aqui na minha escrivadinha  
Chuvas torrenciais acometem  
Os corredores mal iluminados da boca.  
Penso no afeto e nos corpos  
Como caixas ressonantes,  
Territórios transitórios: nômades.  
Penso que o amor requer cuidado:  
É um delicado fio feito de vagalumes  
Esticado entre nós.

**INSCREVER AS PALAVRAS** em ondas

Em asas

Escamas

Barbatanas

Em velas

(Não âncoras).

Em tempestades

Nas brisas

Janelas

Miragens

Cidades

Perdidas

Na pólis

No pólen

Nas rodas

Em nomes

Ventos

Nômades

Na margem

Nas horas

Nas vidas

Pra que a letra viaje,

Esteja sempre de partida. ☪



*Fotografia de Aog Rocha.*

**Lara Utzig**, (1992 - ) É escritora amapaense, doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP-Araraquara), em convênio interinstitucional com a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). É professora de Língua Inglesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP). Autora de *Efêmera* (Lura, 2020) e *Disforia de Gênesis* (Editora Pedregulho, 2022).

**AOG Rocha** (1972 - ) Nascido em Marapanim-PA, vive desde 2000 no Amapá, recebendo, em 2017, o título de “cidadão amapaense”. É fotógrafo, cinegrafista, artista plástico, designer gráfico, professor. Atuou como Conselheiro de Cultura do Município de Macapá, na cadeira de Artes Visuais ano 2020/2022. Seu trabalho como fotógrafo foi premiado em II e V CONJU (CONGRESSO DE JORNALISMO DA UNIFAP) e no 3º Salão de Fotografia de Universidade de Franca - UNIFRAN. Instagram@[aog.rocha](#) - Facebook@[AogRocha](#)

## Condição atmosférica

### AMAPÁ:

leves pancadas de chuva  
sexta-feira, 36°C  
não esqueça o guarda-chuva

o mormaço se levanta  
nuvem espessa, muita lama  
nos jornais a apresentadora avisa:  
dia quente, meio-dia

fim de tarde:  
vento forte, umidade...

o homem meteorológico  
não consegue prever o Tempo.

# Três tempos

Segunda-feira, rumo à UNIFAP, pista do meio, 40-50 km/h, passa o Macapá Shopping, semáforo da Leopoldo Machado com a Feliciano Coelho. Freio. Colada no ônibus da São Thur-transportando-os-filhos-de-Deus-tá-estressado-vai-orar vidro abaixado folder do Amapá da Sorte distribuído por fantasias felpudas e calorentas malabares com facas moeda de um real *gracias, señorita, buenos días*

Segunda-feira, retorno da UNIFAP, pista da direita, 40-50 km/h, em frente ao Hipercenter Santa Lúcia, semáforo da Jovino Dinoá com a Acelino de Leão. Freio. Ajude a pagar minha faculdade comprando uma trufa pendurado fazendo acrobacias no tecido aéreo um Homem-Aranha circense prefere árvores em vez de arranha-céus moeda de cinquenta centavos *gracias, señorita, buenos días*

Final de semana, sem destino, rolê pela cidade, pista da esquerda, 50-60 km/h, na diagonal a praça da Bandeira, saudades do Liberdade ao Rock, quem sabe hoje praça Floriano Peixoto, ou a Veiga Cabral, talvez um filme no Cine Imperator, semáforo da Eliezer Levy com a Avenida FAB. Freio. Contribua para que possamos ir para um retiro espiritual qualquer valor serve *Jesus te ama* a moça sobe pallets e caixotes de feira apodrecidos fazem papel de escada no alto malabares dessa vez com tochas acesas o fogo moeda de vinte e cinco centavos *gracias, señorita, buenos días* engraçado que nesses anos todos nunca ouvi nenhum artista de rua gringo me agradecendo *thank you so much have a nice day* ☹





Fotografia de Aog Rocha.



**Raimundo Alves Medeiros Neto.** (1991 - ) Nascido em Santa Inês - MA (gosta de ser chamado de Neto), é professor do Instituto Federal de Educação do Amapá). Pedagogo, especialista em Educação Inclusiva e Mestrando em Ensino de Ciências e Matemática (UFAL), pesquisa sobre questões raciais no ensino de ciências, mas gosta mesmo é de dizer que é um contador de histórias, um Escreviente da vida como Conceição Evaristo. Geralmente assina seus escritos com o pseudônimo “Cazumba virou poeta”.

Fotografia de Aog Rocha.



# Meus olhos histórias

**MEUS OLHOS** contam histórias

Olhos que projetam  
Olhos que choram  
Olhos que falam  
Olhos que riem  
Olhos que calam  
Olhos que escurecem.

Meus olhos contam histórias

Olhos ancestrais  
Olhos que brincam  
Olhos que seduzem  
Olhos que afrontam  
Olhos que atacam.

Meus olhos contam histórias!

Olhos não submissos  
Olhos debochados  
Olhos ardilosos  
Olhos acanhados  
Olhos marcados pela dor  
Olhos que insistem em não se embrutecer.

Meus olhos contam histórias

Olhos contam histórias?  
Os meus contam histórias.

E seus olhos, o que contam?

# Cidade que dói

## CIDADE QUE DÓI

Cidade Negra que enlouquece a loucura  
Assoberbada de tristeza  
Terra de não paz  
Terra que sofre e faz sofrer  
Quem irá te amar um dia?  
Quem cuidará de teus encantos um dia?

Cidade Negra  
Da preta que sofre pelo nada ter  
Que sofre pelo ter e nada poder dar  
Cidade que dói  
Assoberbada de feridas  
Terra de não paz  
Terra que sofre e faz sofrer  
Quem irá amar esse povo um dia?

Cidade da pele que tem cor  
Preta, pretinta, da tinta retinta  
Que mesmo sendo parda  
Não perde a dor do negro existir

Terra que dói  
Cidade de não paz  
Terra que sofre e faz sofrer  
Macapaba terra do preto que morre  
Mas não se acaba  
Quem irá te amar um dia?

# Caminho ancestral

## AINDA QUE CHEIOS DE SI

Eles me gritem afirmando que caminho na contramão do “progresso”

Eu, todavia, me orgulharei

Pois este nunca foi o caminho trilhado por meus Ancestrais

O caminho trilhado por elas e eles

Sempre foi o da liberdade

E por ele sigo. ◀



*Palavras ao mar.*

Fotografia de Cyntia Silva.  
Florianópolis/SC, julho de 2016.

**Dinovaldo Gilioli** (1957- ) Poeta, escritor e ativista cultural, Dino é natural de Leópolis/PR, morou em Curitiba e reside atualmente em Florianópolis/SC. Tem 8 livros publicados e poemas em mais de 20 antologias. Foi editor da revista *Pantanal*, publicada pela Elase, divulgando trabalhos de escritores brasileiros. É um dos coordenadores do concurso literário Conto e Poesia, promovido pelo Sinergia (Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis e Região). Realizou com os artistas plásticos Schneider e Marcelo Pagliarim, as exposições *Arte e Poesia em Movimento* e *O silêncio arde*.

# 7 poemas em lá menor

botando as coisas  
às claras

quebrei os ovos

a canoa

p

e

r

f

u

r

a

solitária

marinha

o ventre

do mar

amar-te  
assim na terra  
como em marte

se fosse dizer  
tudo que sinto  
diria:

sinto muito

tantos eus  
que dá nós

rios navegam  
em mim  
sonhoceanos

em notas musicais

lá                    si

vão

meus ais

# 7 dardos de prosa

na verdade as sombras só sobram nas sobras do sol, nas dobras do parapeito do edifício preto. mas se as sombras são sobrinhas de uma tarde que se finda, é porque é cedo ainda pra só sobrar o que resta da vida: ser vivida.

o ato aconteceu às oito horas e trinta minutos. para ser mais preciso às oito horas trinta minutos e treze segundos. não, isto não é exxccesso de detalhe. no final você perceberá ou talvez até no meio que isto tem razão de ser. confesso que não é nenhum truque literário do tipo que tenta amarrar o leitor. os treze segundos é o definidor da situação, por isso não pode sair de cena, ou melhor, do texto. é claro que isto foi um pretexto para te manter atento ao texto.

de tanto falar de coisas que não se cala criou calo na fala. fala são falares de falsos olhares de não enxergares. quem fala mais fala pode ser o que cala a palavra silêncio. não é de hoje que se diz uma vida por um triz. de tanto falar o que não se fala quiseram calar a sua fala. ai de quem se cala!

desço a ladeira como todos os dias, mas percebo algo diferente. à frente da janela não está Carminha. ah, a deliciosa Carminha, com suas coxas roliças e suas colchas lisas desvendando meus segredos. de tantas noites, onde em claro não via o tempo passear. o tiro foi certo, me disse o menino: morreu de traição!

elas conversavam na sala, enquanto tentava me concentrar. é sempre assim, ler parece coisa de desocupado. não entendem que exige concentração e uma certa dose de energia, mesmo nas leituras ditas fáceis. estava quase na metade do parágrafo, uma delas me chamou. pediu que desligasse a água no fogão. a cena das bolhas borbulhantes me chamou a atenção. nunca havia pensado nisto e muito menos parado para observar esses líquidos cristais. esteticamente falando, foi uma das coisas mais bonitas que meus olhos já presenciaram. discorria assim o autor do referido livro.

pasta de dente escorrendo na cama, paletó dobrado no sofá, meias pelo quarto, chinelos em polvorosa e um dia inteiro para ser preenchido. o homem cheio de vazios, no ap de cobertura estava descoberto de alegria. num gesto moderno, se suicida com a gravata do terno.

as sete asas chamavam a atenção. de cores reluzentes cegavam quem ousasse fitá-las num só olho. a tarde caia como todas as manhãs e noites dos repetidos dias. não fosse esse acontecimento, a cidade que murmurava apenas o barulho das máquinas de quatro rodas viveria o tédio costumeiro. desde a chegada à lua, os habitantes desconfiavam que algo diferente estava para acontecer. nada, porém, comparável com o ocorrido. ☾

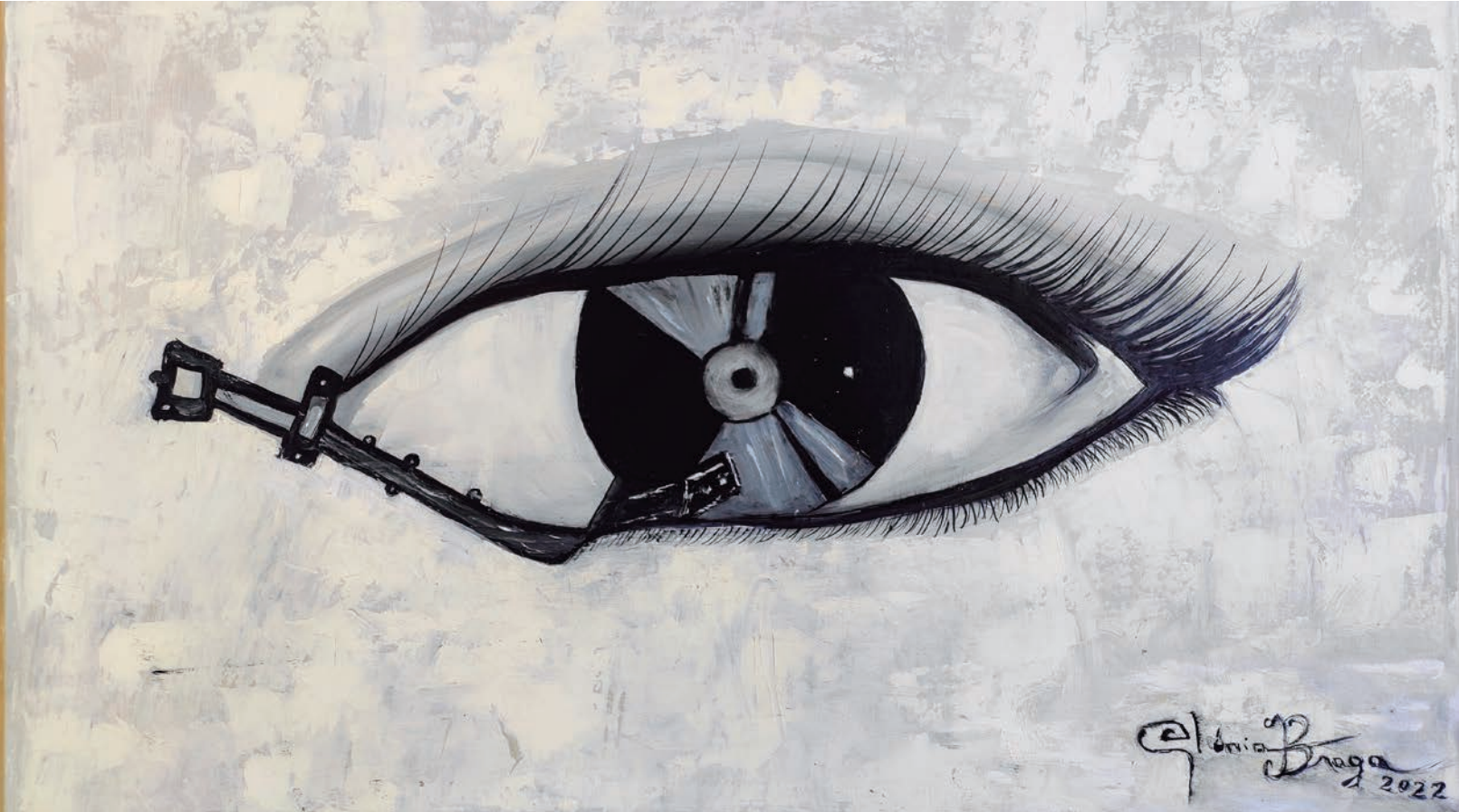


Ilustração de *Glória Braga* - artista plástica  
Óleo sobre tela com fundo espatulado.

**Alissom Braga.** (1980 - ) Poeta, Músico, Compositor e Professor de História. Natural de Mato Grosso do Sul, desenvolve atividades artísticas e culturais agregando em suas produções raízes e novas influências.

**Glória Braga.** (1957 - ) Natural do Paraná, Filha de David da Silva Braga e Izaura de Oliveira Braga, Viúva e mãe de um casal de filhos, sempre esteve envolvida com atividades artísticas como teatro, festivais de música e mostras culturais da comunidade. Dentre tantas habilidades, escolheu desde 2004 dedicar-se à prática da Pintura em Tela e transmite sua paixão pela arte através das cores e formas.



## Olhares

**TARDE FRIA**, vontade de estar logo em casa. Lá se vai mais um dia daqueles que tudo parece terminar bem... aconchegantes como café quente.

Nuvens carregadas, passo apressado na calçada, olhares miúdos se ignoram.

Os nossos se cruzam, flerte acidental, breve instante de ruptura entre espaço e tempo.

Olhos anônimos transam no meio da rua, dançam na chuva.

Por um breve instante te desejo, te absorvo, te conheço de outras vidas. Em outras eras, de outros carnavais, com outras fantasias.

## Sobre música e a linguagem universal

**AS MÃOS** que suavemente percorrem as curvas, os dedos que dedilham o corpo, em melodias e gemidos dissonantes.

Acordes e lábios, harmonia de corpos em sentidos vários.

Um refrão, um orgasmo em dueto uníssono. Beijos improvisados, solos, ritmo, selvageria controlada.

Na música universal repousam os corpos, num verso final goza a intensidade na nota mais suave. ☾

## Mato Grosso do Céu

**BANDEIRAS** procurando ouro  
Das Gerais à beira dos Pantanais  
Saudade cortante de um amor distante

Erva mate nas noites frias  
Fogueiras aquecem a alma  
De repente, alvorada!  
O Sol de nossa gente

Canoa rio abaixo  
Viola rio acima  
Ponteando a paisagem  
Na batida Correntina

Águas cristalinas  
Cachoeiras de Branco véu  
Saudades de Mato Grosso do céu

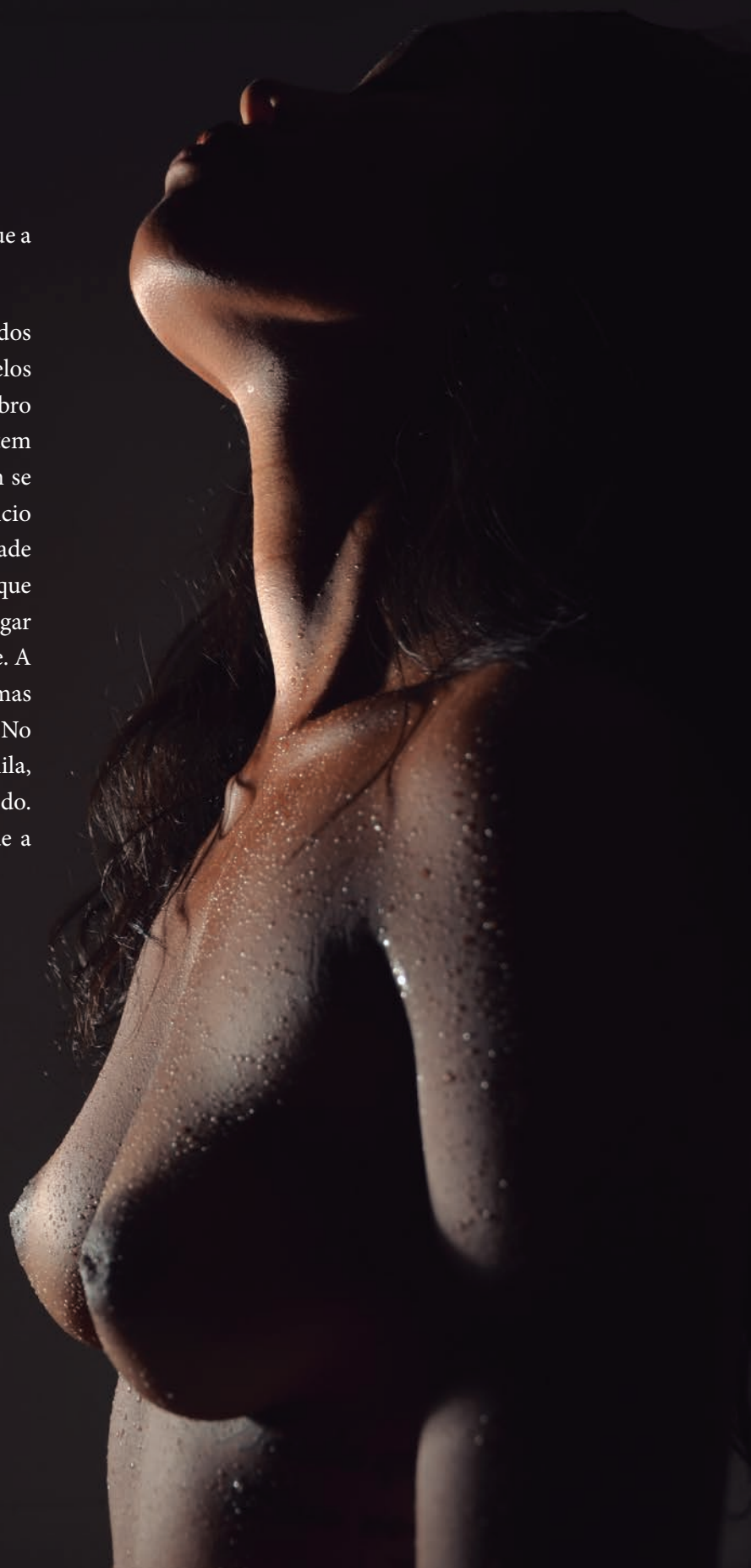


Fotografias de *Aog Rocha*.

**Adriana Ribeiro. (1982- )** Amapaense, filha de uma mulher nordestina e de um pai nortista, psicóloga com mestrado e doutorado em universidades públicas e federais, sendo assim alguém que valoriza a educação. Mulher arteira do Teatro das Oprimidas e em processo de descoberta.

**VOCÊ JÁ PENSOU...** onde é no corpo que a gente sente a saudade?

Estava pensando... às vezes nas pontas dos dedos por causa do toque, outras nos cabelos por causa de um cafuné, algumas, no ombro por ter um lugar para encostar a cabeça, tem vezes que é nas ideias para ter com quem se expressar e também para ficar em silêncio depois de uma boa conversa. Ah! Tem saudade dos cantos da boca, daqueles momentos que abrimos grandes sorrisos. A saudade é o lugar da falta, mas também da presença-ausente. A minha saudade é tão sentida no corpo, mas não apenas no peito, como alguns dizem. No corpo viajante, ela está dentro e na mochila, como as lembranças. Ela toma o corpo todo. Ah! A saudade vai com a gente por onde a gente for. ☾





*Bordado.*

Ilustração feita pela autora.

**Juliana Sell.** (1971 - ) Natural de Florianópolis-/SC, a arte sempre esteve presente em sua vida desde criança. Estudou piano na infância e, na vida adulta, a partir de 1996, participou do coro lírico por quase 10 anos, fazendo parte do espetáculo “Vozes da Primavera”. Ainda traz a música e a dança em sua vida. Estudou pintura aquarela em 2016 e migrou para o bordado livre. Participou do concurso do SESC Paraty em 2018, onde expôs obra de bordado livre. Atualmente dedica-se à escrita de poesias, crônicas e contos. Em 2022 lançou seu primeiro livro de poemas *Antes de deitar na minha cama* (Mondrongo) e participou de 3 antologias poéticas. É mãe de Theo e Pedro.

### **PRAZER** em te conhecer

Disse o Prazer

Você anda longe de mim, não é

Me esqueceu nas quebradas da vida

Ou simplesmente ignorou que existo?

Já reparou que mesmo nos dias mais

Chatos e pesados

Eu poderia ter te feito companhia?

Você teria rido de pequenas bobagens

Achado graça até onde não tinha

Visto com certo humor suas tragédias

Pois é, nem pensou que nos dias sombrios

Eu poderia ter estado junto com você

Achou que só nas festas e alguns finais de semana

Só que nem isso você fez, não é

Eu sou parte de você, mesmo que me negues

Sou parte da vida, existo nos dias de dor e mais ainda

naqueles com alegria

Sou presença que te acolhe

O carinho que desejas

A dança e a música

O sorriso que brota em teus lábios

Sou teu corpo vibrando

O calor escorrendo

Sou o frio na tua barriga

Quando andas de balanço

Ou te apaixonas

O chocolate que sempre comes após o almoço

Sou tudo que você quiser que eu seja

O céu, a terra, a água e o ar

Posso aparecer junto com outras pessoas

Mas lembre-se

Que eu existe dentro de você

Prazer...em te conhecer

**VOU ME DEITAR** com você  
Nem ouse não me tocar  
Me arrancar dos sonhos  
Acordar sentindo  
Teus dedos  
Mexendo  
Pedindo licença  
Na quentura úmida do meu corpo  
Nem ouse não me cheirar  
Sentir por debaixo dos meus cabelos  
Minha nuca nua arrepiada  
Com teus pêlos  
Nem ouse não me querer  
Me convidar para mais  
Remexer em meus desejos  
Tirar o meu pudor  
E depois me abraçar forte  
Fechar os olhos  
E ficar colado  
Do meu lado  
Sentindo meu calor  
Esfriando no teu corpo quente

**TEU ZÍPER** esconde  
O lugar do  
Meu desejo  
Saem fios  
Entram suspiros  
Meus dedos  
Quero provar  
Minha boca  
Te sentir  
Teu cheiro  
De homem  
De uma terra  
Que não conheci  
História que hei  
De contar  
Campo  
Interior  
Conhecer  
E nunca mais  
Voltar  
Só para dentro  
Do teu zíper  
E depois fechar ◀



*Linhas da perdição*

Grafite e aquarela sobre papel 310 gramas.

Ilustração de *Marcelo Vaz Cabral*.



**Zé Amorim.** (1985 - ) Natural de Florianópolis/SC, é poeta, compositor e possui formação em Língua Portuguesa pela UFSC. Publicou em 2017, com Diego Moreira, o livro *Movimento Pornaso* e em 2022 seu livro de poemas *O barbeiro de virilha e outras navalhadas a fio*. Em 2020 abandonou a docência pra se dedicar integralmente a seu atual projeto: “**O barbeiro e o poeta**”, uma barbearia cultural.  
Instagram@obarbeiroeopoeta

**Marcelo Vaz Cabral.** (1969 - ) Gerado e criado na Ilha de Santa Catarina, porém nascido em São Paulo, capital. É arquiteto e urbanista graduado pela Universidade Federal de Santa Catarina, com Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da cidade na mesma instituição. Amante das Artes e da Filosofia. Instagram@vazmarcelocabral

## Protonauta

NÃO PRECISO de astrolábios  
para achar seus extralábios.

## Himenlaia

Ao escalar o Monte de Vênus,  
saborosamente;  
o alpinista vê nos  
seus olhos algo diferente.

## Erro de português II

*Os tupinambás são tão luxuriosos  
que não há pecado de luxúria que não cometam.*

(Gabriel Soares de Souza)

**QUANDO O PORTUGUÊS** aqui errou  
com a sua bruta cultura,  
quis catequizar o índio.  
Que pena!  
Fosse uma cultura amena,  
o índio tinha tupinambado  
o português.

## Além da barba, cabelo e bigode

A **NAVALHA** do barbeiro,  
que instrumento universal.  
Com Tarantino arrancou  
a orelha de um policial.  
Porém, num Cão Andaluz,  
dos dois olhos, um vazou  
assim que a nuvem passou.  
Num poema de Vian Boris,  
ela está atrás do clitóris  
da boceta-guilhotina,  
qual pornívora vagina  
devoradora de pau.  
A navalha do barbeiro,  
que instrumento universal! α



**Rosane Cordeiro (1966 - )** É uma mané de alma, coração e certidão de nascimento. O gosto pela leitura e escrita levaram-na a cursar letras Português e Italiano na UFSC, onde fez Mestrado e Doutorado. Publicou pela Ed. Insular os livros: *Teatro Cotidiano*, *Além do portão e outras crônicas*, e *O amor não cabe no peito*. Pela Ed. Dois por Quatro lançou *De choros e velas: o feminino em verso e prosa*. Em 2022, aventurou-se pelo mundo infantojuvenil publicando *(In)verso*. A escritora e professora entrou em 2015 para a Academia de letras de São José (Asajol). Instagram@rosanecordeirosi

*Esperança à espreita.*  
Fotografia de *Cyntia Silva*.  
Florianópolis/SC, 2021.

# Sobre esperar

**HOUVE** um tempo  
em que fui ao 7 de Setembro com meu pai  
e confesso: gostava de hinos  
até de marchar pela Pátria ao redor da quadra  
Houve um tempo também  
em que me vesti de verde e amarelo nos jogos da seleção  
e até segurei bandeira  
Naquele tempo o povo pedia educação  
era um sonho ter uma Enciclopédia Mirador em casa  
E esse tempo passou não sei bem quando  
Talvez quando presenciei a história de verdade nas ruas  
Quando menininha – ainda – estive na Novembrada  
E vi o povo xingar e ser xingado  
Até ali tudo parecia carnaval  
Acordei para o Brasil que não mostravam na escola  
Eram tempos de Educação Moral e Cívica  
Tempos de história contada pelos vencedores  
Sempre brancos, héteros, cis

E por que me contaram mentiras?  
Como se fossem bons os tempos do imperador?  
Como se fôssemos um país livre?  
Como se vivêssemos uma democracia?  
E nos porões a dor agora tinha outras cores  
E eu cantava no coro da igreja Ave Maria  
Mas a Maria lá do Morro, coitadinha  
ninguém se lembrava dela  
E porque eu sempre gostei de poesia

E via poesia em quase tudo  
E porque sempre gostei de ritmos, sons, arte  
Ainda continuei a cantar o hino  
A vestir a camisa  
Até me abrir para outras cores  
E o vermelho passou a fazer muito mais sentido  
A cor do sangue que corre nas veias  
E que nunca foi azul  
Que também é sangue que corre no asfalto  
nas comunidades  
Sangue que secou no pelourinho  
e foi lavado nos porões da ditadura  
sangue da fauna, da flora  
É o vermelho do pau-brasil

Houve até um tempo em que eu acreditava  
que isso tudo era tudo fato passado  
Mas as balas perdidas entraram pelas janelas  
pelas portas  
Subiram e desceram morros  
Entraram até nas escolas  
E armar-se passou a ser um sonho  
até em algumas igrejas  
Presídios e não escolas  
Estandes de tiro e não teatros

Mas me disseram que brasileiro não desiste nunca  
E por isso canto outros hinos  
Levanto outras bandeiras  
Tenho outros sonhos  
Sonho com outros Brunos que virão  
apagar o fogo  
Com outros Chicos que lutarão com palavras:  
músicos e seringueiros  
Sonho com um Jair que não seja fascista  
Porque outro Jair haverá de vir  
Outro Luiz também haverá de surgir  
Pois, como disse Cazuza  
o tempo não para  
E eu poderei, sem ter ânsia de vômito  
estender uma bandeira verde e amarela  
na janela de casa. ◀





Prosa



Fotografia e colagem digital de *Cyntia Silva*.

Florianópolis/SC, 2022.

**Jeana Lexau.** (1970 - ) Pseudônimo de Jeana Laura da Cunha Santos, gaúcha de Santa Cruz do Sul/RS, jornalista, professora e escritora. É autora dos livros: *A estética da melancolia de Clarice Lispector* (EDUFSC, 2000); *O Colecionador de histórias miúdas: Machado de Assis e o jornal* (Ed. Insular, 2013); *À Beira*, em parceria com Jéferson Dantas (Insular, 2019). Vencedora do concurso de crônicas “Maura de Senna Pereira” com o livro *Crônicas das cidades partidas*, promovido pela Editora da UFSC em 2013.

# Criança colecionando figurinhas

A CHEGADA DO OUTONO removeu folhas mortas, mas não extirpou o calor úmido que mais inspirava o ócio e a contemplação do que a labuta. Sentei-me num dos bancos do jardim da escola a esperar uma reunião que teria com a professora do 5º vespertino. A sirene de súbito toca, e a primeira criança corre em direção ao pátio. Carrega entre os braços um volume que de tão amassado não parecia ser um livro escolar. Senta-se ao redor de uma mesa oval e seu semblante prefigura algo de maravilhoso prestes a acontecer. Chegam outras crianças e depositam volumes semelhantes no mármore gélido que contrasta com o suor das mãos nervosas a agitarem-se na tarefa de abrir os livrinhos.

A criança tira do bolso um pequeno pacote. As outras a imitam com ar solene. Rasgam uma das extremidades do invólucro e dele retiram o que parecia ser um jogo de cartas. A seguir, passam a compará-las uma a uma com a do companheiro ao lado. Por vezes, o semblante da criança perscruta o livrinho e se volta com ar de quem descobriu uma nova invenção. Em outras, fica cabisbaixa e uma ruga na testa denota uma frustração.

As figurinhas com os jogadores das seleções de todo o mundo fazem de cada criança um técnico com poderes universais. Através delas, a criança visita povos e países, Geografia e História são seladas num livro cuja quintessência é ser manuseado e abandonado assim que se completa. Cada criança escala e desescala jogadores para um time imaginário que deve caber no campo-álbum de uma partida cujo prazer é ser infinita. Terminar a escalação é terminar o jogo. Então, paradoxalmente, achar a figurinha faltante é estar mais perto do final. Glória e frustração a um só tempo. Vida e morte. As figurinhas da Copa são como ingressos para um jogo cujo prazer não é o seu desenlace, mas a sua infinita preparação. Depois de completo o álbum, a sua erosão. Como desconstruir o grande castelo monumental e viver de suas ruínas? Para o colecionador que se tornaram, erigindo com pedaços do tempo e do espaço o grande álbum imortal, como aprender a descolecionar?

A sirene tocou. As crianças recolheram as figurinhas trocadas e abraçaram seus álbuns solenemente como se fossem fósseis recém-descobertos em mãos de escavador. Porque colecionar figurinhas, pensei, é tarefa de arqueólogo. ◀



**Daphne Fayad** (1980 - ) É curitibana,  
psicanalista, um pouco árabe e amante das palavras  
cruzadas.

*Caravela na areia.*  
Foto de *Cyntia Silva*,  
Florianópolis-SC, 2022.

# Self service

**A BANDEIRA DO BRASIL** esvoaçante, hasteada em um discreto mastro que eu enxergava pela janela do restaurante, me aviltava. Meu olhar se revezava entre o prato de comida e aquela imagem. Cada vez que levantava a cabeça, mastigando, eu era golpeada por ofensas verde-amarelas embaladas pelo vento no pequeno pedaço de pano. Já franzia a testa, e entrava em um transe circular de baixar os olhos, garfar o almoço, levantar os olhos, encarar a bandeira e mastigar cada vez mais perturbada.

— Mas quando foi que você passou a implicar com a bandeira do Brasil?

— Pois, não sei exatamente quando isso se produziu. É um fenômeno nacional, eu acho. Hoje nos dividimos entre os que se orgulham dela, e os que se sentem por ela ofendidos. É uma...

Interrompeu meu raciocínio um senhor de uns sessenta e poucos anos que, seguido da esposa, se acomodava à minha direita. As mesas estavam muito próximas, de modo que era impossível não me distrair com a movimentação. Mas não foi só isso. Ele fez o sinal da cruz antes de iniciar sua refeição, trazida do bufê orgânico. A essa altura, eu comia por obrigação, pois a verdinha impertinente já havia arruinado o meu apetite. Continuava transferindo o incômodo para as minhas então ressentidas mandíbulas.

— Tá vendo? É isso. Lá na rua, eu vi pelo menos dois carros estacionados com o adesivo amarelo do 22.

— Mas o que você está dizendo? Que esse senhor é bolsonarista?

— Não, não é isso. Bem, não é só isso...

Fui novamente interrompida e já me arrependia de ter escolhido aquele horário (o horário do almoço) para almoçar. Desta vez era uma mulher que chegava com o seu filho, cumprimentando agudamente o rapaz e seu pequeno que estavam sentados à minha esquerda (do outro lado, digo). Iniciava-se uma conversa com e entre as crianças, que aparentemente não se conheciam, e todos falavam simultaneamente, sobre brinquedos e escolas.

— Eu disse que tinha que mudar de bairro. Nessas horas me pergunto o que ainda estou fazendo aqui. Olha isso.

— O quê?

— Essas famílias com essas crianças todas. O burburinho tedioso. É desconfortável, sinto uma estranha combinação de aversão e opressão.

— Você não gosta de crianças?

— Gosto, sim. Não gosto de como os adultos ficam quando estão com as crianças. Forçando vozes, falando como se fossem eles próprios crianças, e agindo como se tivessem autorização para serem estridentes e espaçosos.

A demonstração instantânea foi um diálogo que me fez acreditar que poderia quebrar um dente, mastigando com aquela força toda. A mulher aguda perguntou ao menino, insistindo no malogrado esforço de conectar-se a ele:

— E então? Pra qual time você torce?

— Time?

— É! Time de futebol!

— Hm... é...Hm...

O pai intercedeu:

— Ele ainda não tem um time, né, filho? Nunca assistiu a um jogo de futebol, acrescentou constrangido. Sim, ele ficou constrangido, não pela pergunta inapropriada de sua visitante de almoço, mas porque se dava conta de que seu filho varão não havia debutado no indispensável universo do futebol.

— Por que você está implicando com eles, agora?

— Porque tenho certeza de que ela não teria feito essa pergunta se a sua interlocutora fosse uma menina.

— E desde quando você é feminista?

— Feminista? Não vejo por que chamar isso de feminismo, eu chamaria de silogismo. Mas sim, sou feminista. Tenho minhas ressalvas quanto a algumas teorias e práticas, algumas “bandeiras” (com aspas de gracejo), porque não, mas sou feminista, definitivamente. Afinal, como posso não ser feminista em 2022? Você está entendendo o que está acontecendo aqui?

— Acho que você está se excedendo. No trânsito, basta que alguém esbraveje ou pare em local proibido, que você de imediato conclui “esse aí vota no capiroto”. E, se alguém faz uma gentileza ou agradece quando você é gentil, logo assume que o nobre cidadão nunca (nem antes, nem agora) votaria nele. Se continuar assim, terminará por ser aquilo que critica.

Não mastigava mais. Apenas refletia, com os olhos já um tanto surdos, estacionados em si mesmos. Existiria esse risco? Estaria eu tomada a ponto de estar me tornando oblíqua e odiosa como os que eu reprovava? Defendi-me:

— Veja o retrato que temos aqui. Um restaurante, conceitual, tem uma livraria dentro, uma floricultura anexa, ingredientes orgânicos, zero plástico, anúncios de cinema-arte. No meu ingênuo entendimento de outrora, esses seriam indícios de frequentadores que se engajam por um propósito social, no mínimo, respeitável. De que, ainda que representem uma classe capaz de pagar pela coisa toda, entendem não só dos malefícios dos agrotóxicos para a saúde, mas de sua indústria e de suas forças políticas, não só da importância da leitura em suas vidas, mas também nas das pessoas que nunca entrariam aqui para ler ou comprar um livro... por óbvio, nunca enxerguei os clientes deste restaurante como revolucionários, mas aí a defender um projeto de sociedade tacanha, armada, bipartida em azul e rosa, violenta, racista e negacionista... eu teria continuado (a lista era longa), mas imediatamente uma resposta mais superficial do que meus próprios argumentos, encerrou a discussão:

— É, quanta ingenuidade! Chega a ser cômico. Pode mudar de bairro ou de restaurante, você vai continuar decepcionada.

Rendida, suspirei longamente e concluí:

— Eu era mais feliz quando não pensava nessas coisas.

Mas era um tempo que me permitia (e quase me autorizava) a não pensar nessas coisas. Agora é impossível, com tantas bandeiras do Brasil na minha cara. Acho que vou pra casa ler um pouco.

— Verdade. Psicologia das massas e análise do eu, quem sabe...

Ameacei sorrir, enquanto passava os olhos pelas folhagens. De sobressalto, constatei:

— A floricultura vai fechar e ainda preciso comprar um pouco de terra pra replantar minha espada de São Jorge, que está transbordando. Poxa vida, acho que esqueci de regar as outras plantas essa semana.

— Vamos.

Levantei-me, passei pela livraria e pelas gôndolas da feira orgânica, por onde circulavam as novas famílias, carregando seus bebês, suas laranjas, e seus grãos. Estava atordoada com o barulho, com as etiquetas marcando preços altos, ainda mais altos este ano, absurdamente altos, e com o palavrório sobre brinquedos, *café gourmet* e positividade que, aqui e ali, atacava meus ouvidos. Não era apenas a minha mandíbula que pedia descanso, eu estava exausta antes mesmo das duas da tarde de um sábado qualquer. Bem, não era um sábado qualquer. Era dia 29 de outubro de 2022.

— Diga-me, por onde andam as outras pessoas? Perguntei enquanto pagava 60 reais pelo prato de almoço conceitual. — Também não as vejo nos espaços considerados mais, hum, não sei, “democráticos”, digamos.

— Agora essa. Quem, exatamente? Intervinha a pergunta impaciente.

— Aquelas, cujas contradições me valessem a pena conhecer, por fazerem enigma, por fugirem dos clichês

e também dos bons modos, como dizia aquela música... enfim, por ensejar minha simpatia, que fosse!

— Não sei bem o que você quer dizer com “democráticos”, e começo a duvidar do alcance da sua simpatia...

Refleti, por fim e por finalizada, serem minhas impressões decerto autoria do meu juízo, que circunscrevia agora tudo em bandeiras, bandeirinhas, bandeironas. No entanto, eu realmente procurava por esses outros pela cidade. Minha curiosidade era sincera, alçava-se a anseio. Afinal, almoçava mais uma vez sozinha, e debates como esse, dentro da minha cabeça, estavam se tornando frequentes demais. ¶

“Era louca, E  
como todo  
louco, Não saltaria  
Assim Era.”



GILDSON  
LIMA

Pixo de Gildson Lima,  
Natal-RN, 2022.



**Susana Barros (1984 -)** Nascida em Macau-RN, é graduada em Comunicação Social, com especialização em jornalismo pela Universidade Potiguar (UnP). Graduou-se, também, em Licenciatura em Ciências da Religião pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Em 2022 publicou seu primeiro livro *O sucessor do Rei* pela Editora Padoxum. Instagram @susanabarro79

**Gildson Lima(1995 -)** Nascido em Mãe Luiza, comunidade situada em Natal/RN, CONCARINO (Instagram @carinhon) começou no pixo aos 21 anos de idade e, desde então, concentra-se nessa segmentação de arte urbana. Seu trabalho tem como objetivo expor e gerar reflexões sobre questões e corpos sociais marginalizados. CONCARINO atualmente também atua com o projeto Raízes do Morro (Instagram @raizes\_morro), um espaço dedicado ao cultivo, comercialização e cuidado de plantas e artigos paisagistas.

# A história de uma Glória

**GLÓRIA**, e este é seu verdadeiro nome pois de outro modo não poderia chamar aquela que é bem-aventurada, era rechonchuda e tinha a pele branca. Posso até jurar que, de vez em quando, encontrava em seu rosto uma sarda ou outra, provavelmente porque pintava o cabelo de acaju. E acaju combina com sarda tanto quanto não combina com o Sílvio Santos.

Quando a conheci, Glória estava há sete meses internada no hospício. Era louca, e como todo louco, não sabia que assim era. De tão ambientada, recepcionava os novos internos. Pois se lá também sempre estive e de lá nunca sairia, se via no encargo de explicar os aspectos importantes ou curiosos daquele lugar. Foi ela, por exemplo, quem me informou os horários das refeições e das medicações, bem como o arranjo dos andares. Esse andar é só para moças, explicou. O terceiro andar é para homens. Entre nós é misto. É o pessoal que está pelo SUS, e o SUS não pode se dar ao luxo de distinguir gênero. Mas não se preocupe, continuou, tem recreio duas vezes ao dia e então você vai poder conhecer todo o mundo.

E certa ela estava, pois não havia nada para além do hospício. Ainda que Almira, e aqui também não tem cabimento mudar um nome que tão bem lhe servia, insistisse em carregar uma bolsa tiracolo à espera de um momento propício para a fuga. Aonde iria? Era mulher de família importante, sabia-se, almoçaria, no mesmo dia em que saísse do manicômio, com o governador.

Mas Glória só existia na casa dos loucos e, por ser mulher de Deus, dedicava-se a salvar as almas que ali estavam. Era uma missionária, uma pregadora e uma enviada que tinha por incumbência levar a fé até quando não solicitada. Esperava contar com a minha ajuda, já que se via que eu falava bonito e de modo convincente. Eu só precisaria, ponderou, conhecer a Palavra. E assim Glória confiou a mim a própria bíblia para fins de estudo.

Como eu nada tinha de mais urgente a ser feito, aceitei de bom grado o livro tão bem cuidado, pois Glória havia feito capa de tecido verde gramado, adicionando, por cima e com zelo, uma cruz vermelha sangue, também feita de tecido, para que não houvesse dúvida sobre o para quê a obra se destinava. Por favor, só não deixe que os outros internos a roubem. Pois aqui, todos roubam, alertou.

Diante dessa informação, após a leitura noturna, guardava a bíblia debaixo do travesseiro para não somente protegê-la, mas também para absorver até em sonho o que ali se revelava. Um detalhe, no entanto, posto de lado no momento da confiança da bíblia, colocaria em xeque o propósito promissor e sacro que para mim se apresentava. Acompanhe:

Glória, na idade de quarenta e oito anos, era virgem e, como toda virgem, tinha curiosidades. Quando conversávamos sobre o sexo, vez por outra eu lembrava de Potira, uma outra interna, mas não de hospício, e sim de colégio de carolas. Potira, de tão entusiasta, não esperou por um momento de privacidade e, diante do espelho, abriu as pernas bem ali, na presença das outras internas. Ela tinha urgência em saber onde estavam localizados os pequenos lábios, a vulva, a vagina e, sobretudo, o clitóris. Não teve pudor, e por que teria se estava entre mulheres? E, caso pudesse argumentar ainda mais em sua defesa, as próprias carolas estimulavam o explorar da genitália em consonância com as aulas de biologia.

Por hora, todavia, deixarei de lado a má falação à qual Potira, certamente sem motivos, esteve submetida. Pois esta é a história da Glória que, pelo que eu tardiamente vim a descobrir, por ser verdade ou por ludíbrio, fazia uso da bíblia para fins de masturbação. E como agora o livro estava em minha posse, à Glória veio à mente utilizar, com o mesmo intento, um batom.

Disso só soube porque Glória havia sido levada às pressas à clínica ginecológica mais próxima, já que a tampa do batom, após a exploração das possibilidades do prazer, resolveu se acomodar em seu canal vaginal. A situação, para além de me causar enjoo, se eu deitava há duas semanas a cabeça em um artefato masturbatório de outrem, acarretou ainda outro incômodo. Não por ser sacrilégio, se Glória era uma mulher de Deus. E sim porque no livro ela se roçou e, se a mim ele foi confiado, na certa sua dona esperava que eu fizesse o mesmo e, com isso, alcançasse o entendimento e o êxtase proporcionado pela Palavra, que por ser êxtase, é sempre divino.

E, então, de súbito desconfiei do que Glória, ao bater os olhos em mim, logo entendeu. Eu estava longe de me tornar apta à pregação. Afinal de contas, eu falava bonito e eloquentemente mas, sem saber do que se tratava, não poderia propagar a fé. Glória, por outro lado, esbanjava indícios e sons de que alcançava graus cada vez mais elevados em se tratando de coisas do sublime. E não tardou para que eu soubesse como: caso tenha algum objeto cilíndrico e com mais de oito centímetros, alertou outra interna, esconda, pois Glória começou a roubar desodorantes. Esconda, aliás, de todo mundo, até porque, como a própria já deve ter explicado, por aqui, todos roubam. ¶



**Borboletas.**

Fotografia por *Cyntia Silva*.

Florianópolis/SC, 2015.

**André Soltau (1966 - )** Nascido em Alegrete/RS, atualmente dedica-se a seu trabalho de editor na *Traços & Capturas*, segue escrevendo e pesquisando sobre memória e histórias de vida. É professor na oficina de Leitura e Sentidos pelo SESC Nacional/Programa Arte da Palavra e também na Fundação Cultural de Itajaí pelo Programa Arte Nos Bairros. Atua na construção de políticas públicas para literatura dentro da Setorial de Literatura/Conselho Municipal de Cultura de Itajaí/SC. Suas publicações recentes são: *Coletânea de contos Palavra d'Água* (2021); Crônicas no livro *DOBRAS* (2021); contos no livro *Fio do Silêncio* (com Kátia Nascimento)(2022). Acompanhe no [www.instagram.com/soltauandre/](http://www.instagram.com/soltauandre/)

# Borboleta

**POR UM TEMPO EU RI DE TUDO AQUILO.** Hoje, não mais. Quando recordo os detalhes, tenho nojo, raiva, vontade de vomitar. Esta cidade merece que eu conte. Preciso me livrar disso antes que fique corroída pelo desprezo e caia na desgraça de ser mais uma vez invisível diante de tanta hipocrisia.

Nasci Olga e escolhi Maria como nome para a luta diária. Fui perdendo a graça com esta sociedade cruel quando fui abusada pelo meu pai e jogada porta a fora de casa, pela minha própria mãe. Trabalhei no comércio, limpei casa de gente rica e tentei a sorte vendendo panos de prato pelas ruas. Estudei, sim, cursei faculdade e segui aprendendo muito nos tantos cursos que fiz. Nunca abandonei um bom livro e sei bem conversar com gente mais estudada que eu sou. Escolhi ser puta.

Naquela semana eu não consegui me livrar de tantas investidas e cantadas dos mais sujos marinheiros que passavam por ali. Cheiravam a sujeira mesmo. O cheiro de peixe não me era estranho. Já acostumada que era, depois de passar nas mãos de tantos que cheiravam a garoupa, tainha ou sardinha. Acostumei com aqueles fétidos homens. Como todo o trabalho, vamos acostumando, até o que nos incomoda ficar imperceptível.

Os que passavam naqueles dias por ali não eram desse tipo. Exalavam fuligem misturada com suor e baba. Outros usavam palavras grosseiras para chamar ao serviço. Com isso eu não me acostumei nunca. Gosto de boa educação e palavras educadas, para me sentir mulher, às vezes.

Na noite de sexta-feira, eu atendia aos clientes no Bar Texas, que estava cheio desses homens rudes e um ou outro da cidade mesmo. O porto andava cheio de navios carregando madeira, que costumavam ficar atracados por uns dez dias, o que era tempo suficiente para seus embarcados beberem e atazanarem a vida do lugar. O bar era o refúgio desses homens sem fronteiras, além de alguns malditos da cidade.

Meu ponto era no canto da porta, pelo lado de fora. O dono não admitia que putas frequentassem o recinto, dizendo que não era cafetão. Eu costumava ficar no canto escuro, me protegendo da luz e dos olhos julgadores de moradores, travestidos de moral. Naquela noite, a lua estava linda e escolhi me aproximar do trapiche para vê-la nadando no rio. Ali tinha um poste com luz forte e o calor trazia muitos insetos voadores. Mas o ar estava mais limpo.

Demorei um tempo admirando a lua, encostada na cerca que separa a rua do rio. Ouvi gritos, um estouro e passos correndo pela rua. Virei para a esquina e, embaixo da marquise do Prédio Redondo, fiquei paralisada, congelada, quando vi a mendiga que ali morava banhada em sangue. E, daquelas coisas que só acontecem uma vez, entrou uma mariposa em minha boca.

Caí no chão e lembro apenas da luz no meu rosto e silêncio. Ali fiquei rígida por horas até a cidade começar a acordar. Alaridos e gritos. Sirene e uma mão quente afagou meu rosto. Sempre quis morrer a céu aberto.

Fui levada ao hospital e aquele doutor esnobe, morador da Beira-rio, olhou para o meu corpo e, sem tocar, deu o diagnóstico.

- Essa é a puta do porto? Morreu, enterra - disse ao enfermeiro, saindo da sala.

Fui levada, em seguida, a uma sala fria e escura. Sentia medo, muito medo, como nunca havia sentido. Ouvia a todos e não conseguia mover nem os olhos. Ao ser colocada ali, vi, de lado, que na outra maca estava Francisca, com a cabeça amassada, deitada em uma poça de sangue seco, que se espalhava pela pele e roupas.

Não me contive e xingava o doutor esnobe, lembrando que minha amiga Teca, que trabalhava na casa dele, achou um bilhete da amante. Quem era ele para julgar a vida que eu levava? Não havia ninguém para ouvir meus gritos. Medo.

Passou por ali o Firmino. Vinha ver sua amiga Francisca e levou um susto quando viu meu corpo estendido na maca. Esse, que disputa política e se diz defensor dos mais fracos, fez vista de escárnio quando se aproximou de mim e cheirou meu perfume. Quantas vezes eu atendi tuas necessidades, velho guerreiro? Nojo. Frio.

Naquele lugar frio e vazio eu vi e ouvi tudo. Ninguém me ouvia. Ninguém para me xingar, me escorraçar, me chamar de vadia. Só eu. No começo era solidão, depois alívio. Ouvia tudo.

A amiga Lilite veio nos ver. Era amiga de nós duas. Eu fiquei feliz quando senti o seu cheiro de alecrim. Ela iria perceber que eu estava viva. Nada. Chorou baixinho. Fez uma reza para cada uma de nós e partiu, lamentando. Boa mulher, que muito me acolheu com seus chás. Um colo.

Chegou chorando a querida Cila, que tanto trabalha com pescado. Mãos calejadas, sorriso triste e uma empreitada para dar conta de pagar as contas e comer. Fez sinal da cruz e me surpreendeu quando me chamou de cadela. Chorei. Ninguém viu.

Ainda tive muitas surpresas naquela manhã. No finalzinho das horas, o Paulinho veio choroso, me abraçou e disse que sentia muito. Disse baixinho que me amava e fez uma reza sussurrada para Francisca. Amava-me? Nunca havia escutado aquela frase na vida. Riso.

Fiquei pensando que meu mundo invisível estava servindo para algo. Logo veio a Jussara, que amava em silêncio um homem chique da cidade. Nunca soubemos quem era. Vendia seu pastel com alegria e nunca deixava a gente passar fome na rua. Muitas vezes essa mulher matou minha fome nos finais de tarde em que me preparava para as longas noites. Agradecimento.

O curioso e fofoqueiro Augusto veio espiar a puta e a mendiga. Para sair por aí falando e futricando com qualquer um que encontrasse. Homem ruim. Usava a Bíblia para me jogar na cara as suas verdades. Só suas, de mais ninguém. Ódio.

Ouvi um choro de homem, vindo lá do corredor. Ao abrir a porta ouvi a voz de Côdi. Duas amigas mortas e ele em desespero. Homem simples, apaixonado por futebol e por pessoas simples como ele. Chorou muito, nos abraçou e foi em lamentos. Amizade.

A última que chegou para um adeus foi Ambrósia, acompanhada de Eva. Mulher simples e cheia de fogo, bem sei. Falou com Francisca, que tantas vezes ela alimentou com pão caseiro. Enquanto Eva chegou até meu corpo e deixou uma reza ligeira e envergonhada.

A coitada não teve tempo para sair da sala e terminar a reza apressada. Eu levantei, num susto. Dei um grito de alívio, misturado com riso e choro. Ambrósia gritava no corredor:

- A puta ressuscitou! A puta ressuscitou! E sua voz sumia no longo corredor.

Eva ainda reteve o susto e chamou o médico, que chegou com seu esnobismo, espiou com nojo e gritou para o enfermeiro, com um riso irônico:

- Cancela o caixão, que a puta tem catalepsia!

Ainda ouvi o enfermeiro acompanhando o riso do doutor e lamentando que mais uma puta ia voltar para a rua. Nojo.

Alarido no corredor, correria e gritos com rezas abafadas. Eu renasci sabendo um pouco mais da cidade.

Voltei para as ruas naquela noite mais feliz do que nunca e falando meu nome Maria com muito orgulho.

Tive muitos clientes naqueles dias. Na cidade, curiosos ou não, queriam foder com a puta renascida. ☪



Estes textos foram produzidos por participantes da *Oficina de Desbloqueio para a Escrita*, realizada em Florianópolis/SC (outubro e novembro de 2022). A provocação foi descrever sensações ao descascar uma laranja, não se limitando à visão.

*Sensações*  
Fotos de Cyntia Silva,  
Florianópolis-SC, 2022



**Viviane Colucci.** (1961 - )Paulistana, reside em Florianópolis há 30 anos. Envereda, hoje, pelo mundo da escrita, procurando expressar as dúvidas e as dádivas da maturidade.

**A LÂMINA AFIADA** fez dela uma fita fina e quebradiça.

Um jato quase imperceptível adentrou minhas narinas, e eu não me contive em riso leve.

Novo jato espargiu em gotas minúsculas pelo meu braço, que levei sob o nariz para mais uma vez sentir o perfume.

Já livre do seu invólucro, cortei-a pela metade com precisão que me deu orgulho.

Experimentei aos goles, cravando os dentes em sua polpa, o sumo delicado.

Em vão não senti o afago quente da mão que me trazia a laranja descascada das tardes de brincadeira.

Arranquei com força o bagaço e comi-a barulhentemente até o final, porque era assim que acontecia.

**Daphne Fayad** (1980 - ) É curitibana, psicanalista, um pouco árabe e amante das palavras cruzadas.

**FOI QUANDO SENTI DOLORIDOS OS DEDOS** que me dei conta de que descascava aquela laranja há tempo demais. Por alguma razão, ainda que tivesse descascado inúmeras delas ao longo dos meus 32 anos, foi só naquele momento que percebi a força de sua casca e toda a sua complexa interação. Você já reparou que há toda uma interação com a laranja sendo descascada? Os olhos ficam apertados, porquanto ela jorra gotas minúsculas de suco em seu rosto. A saliva começa a ser produzida antes mesmo de terminar aquela cobrinha de casca que sempre fica no final da ação. Será o seu cheiro ácido que antecipa a digestão na boca ou a memória do sabor azedo já gravada pelas tantas outras laranjas? Essa, no entanto, estava equilibrada ao paladar: nem doce, nem azeda. Seu suco abundante escorria e melava minhas mãos. Continuei sorvendo os gomos rugosos que, sem pressa, melavam também os meus lábios e me sujavam. Passou uma eternidade entre enfiar-lhe a faca e ser chamada a retornar à realidade.



**Luan Magarão de França** (2003 - ) Nascido e criado no Rio de Janeiro, local cujo “Diabo esqueceu as botas”, adentrou na literatura ficcional especulativa e comercial consumindo as histórias de Stephen King, H.P Lovecraft e Agatha Christie, seguindo a filosofia de trabalho dos supracitados: Escrever histórias absurdas para entreter outrem e se divertir o fazendo. “Odeio soar precipitado e ‘zikar’ meu destino, mas acho que nasci para respirar e viver isso”.

**UM ALIMENTÍCIO DE FORMATO OVAL**, textura similar aos poros humanos e gosto mixado, cujos gomos invadem o que conseguem invadir: do vão dos dentes à fina abertura que reside entre a unha e o dedo. Aguado, seu interior gera na boca um desejo de querer viajar para alguma trilha carioca e andar sob raios solares a fim de apreciar a paisagem, livre das frustrações que rodeiam a selva de concreto. Enfim respirando ar puro.



**Graça Brum** (1961 - ) Nasceu em Laguna - SC em 1961. Tendo descendência açoriana e morando na Lagoa da Conceição durante muitos anos, assimilou profundamente a cultura litorânea. A partir de 2015, passou a compor músicas inspiradas nestas tradições. Integrou o *Grupo Raízes Açorianas* da *Casa dos Açores de Santa Catarina* e participou do Sonora Floripa-Ciclo Internacional de Compositoras. Em 2018, a música **Vestido de Renda** foi incluída no repertório da *Associação Coral de Florianópolis* e do *Grupo Raízes Açorianas*. Em 2022, no Dia da Rendeira, lançou o videoclipe da música **Pele Rendada** que, de maneira poética, refere-se às marcas do tempo na pele como linhas e tramas que tecem as histórias de vida das rendeiras.

**SEGUREI A FRUTA ENTRE AS MÃOS** tentando retirar a casca fina e delicada. Mas não soltava fácil como as outras laranjas de casca grossa e cheiro forte. Tive dificuldade pois ela ia se quebrando em pequenos pedaços. Isto me decepcionou um pouco pois adoro descascar laranja com os dedos, sentindo a casca se soltar facilmente como a mexerica ou a pokan. Fui então retirando devagar, mordiscando uns pedacinhos e fiquei surpresa com o seu sabor adocicado e levemente cítrico. Nunca tinha comido casca de laranja tão saborosa na vida! Mas quando comecei a separar os gomos eles iam se desmanchando e minhas mãos ficando cada vez mais lambuzadas e grudentas. Aquilo me irritou bastante e pensei em levantar, lavar as mãos, mas ao invés disto, quase que involuntariamente enfiei alguns gomos na boca! E fui rendida pela laranja, passando simplesmente a desfrutá-la! Respirando lentamente, fechei os olhos me entregando ao prazer daquele momento, sentindo imenso contentamento ao perceber que meus dedos melecados brincavam de grudar e desgrudar o sumo viscoso desta desafiadora laranja que eu não sei o nome.





Ilustração em aquarela  
por Lidia de Freitas Quaresma  
Natal/RN.

# Cartas Pedagógicas

Publicamos aqui a troca de cartas entre *Cyntia Silva* e *Ana Lúcia Souza de Freitas*, as quais anunciam mais uma parceria para a Revista Texturas e representam a abertura dos trabalhos para a próxima edição.

## **Cyntia de Oliveira e Silva**

(1966 - ) Brasiliense, vive em Florianópolis/SC. É professora de Língua Portuguesa, fundadora da Oficina da Palavra e editora da Revista Texturas. Apaixonada por palavras, busca inspiração na poesia, música, cinema, fotografia e artes plásticas.

## **Ana Lúcia Souza de Freitas**

(1964 - ) Gaúcha e pedagoga, foi professora e supervisora pedagógica da educação básica e da educação superior, pesquisadora no campo da educação popular e formação de professores. Teve sua formação fortemente influenciada pela participação continuada no *Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire*, que ocorre no RS desde 1999. Viveu um ano sabático em Paris, quando escreveu dois livros sobre suas Andarilhagens como educadora pesquisadora. O impacto dessa vivência foi tão grande, que para lá voltou. Atualmente aposentada, é pesquisadora visitante da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e do LEGS - *Laboratoire d'études de genre et de sexualité - l'Université Paris 8, Campus Condorcet*. É uma das cofundadoras do *Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França*, com o qual segue reinventando o legado de Paulo Freire como forma de existência e resistência.



Florianópolis, 9 de setembro de 2022.

Ao Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França,

## Pra começo de conversa...

Sou Cyntia de Oliveira e Silva, uma brasiliense, mãe e professora independente; vivo em Florianópolis/SC há 22 anos e edito a revista literária Texturas.

Há algumas semanas, a amiga Ana Lúcia Freitas jogou uma pulguinha em mim: me contou sobre o trabalho desenvolvido pelo grupo de brasileiras migrantes leitoras de Paulo Freire na França e deu a notícia sobre o *Varal Temático sobre Cartas Pedagógicas*, que acontecerá, este ano, por ocasião do aniversário de nascimento desse educador e humanista incontornável em nosso tempo.

Ana Lúcia me contou que, ao conhecer a revista literária Texturas, editada por nós da Oficina da Palavra, enxergou uma conexão entre a dialogia das Cartas Pedagógicas, difundidas por Paulo Freire, e a nossa publicação.

A partir dessa **provocação**, senti vontade de correr, ou melhor voar, para a capital francesa e conhecer a experiência dessas mulheres *ao vivo*. Contudo, diante desta impossibilidade de fazê-lo no momento, compartilho minhas reflexões e convite por meio desta carta.

Esticando a conversa com Ana, conheci um pouco mais sobre os trabalhos dela, frutos de suas andarilhagens, impregnando de "bonitezas" a linguagem acadêmica; tornando o ato educativo menos "duro", ao permitir a emoção ao lado da reflexão, com o uso das Cartas Pedagógicas neste contexto de pesquisa e escrita científica.

Por fim, vieram outras provocações e surgiu a proposta de criarmos uma **Conexão Paris-Florianópolis**, que enredasse nossa revista Texturas às **investigações** desenvolvidas pelo Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França. O projeto foi imediatamente acolhido por mim.

As sinapses na minha mente ganharam a velocidade da luz e as ideias frutificaram e se materializam em um convite para o Coletivo: dedicarmos a 9ª edição da Revista Texturas (a ser produzida no 1º semestre de 2023) à produção de **Cartas Pedagógicas na linguagem literária**. Seriam **poemas, contos e crônicas em formato epistolar** para reverberar essa ponte recém-construída. Assim, autoras do Coletivo de Leitoras de Paulo Freire na França e algumas escritoras e escritores do Brasil, em sintonia com nossa revista e militância poético-educativa, seriam as/os agentes dessa empreitada.

Que tal lhes parece a proposta?

# Bonitezas

**ESTAS FORAM** uma das primeiras palavras mencionadas por Ana Lúcia, cujo conceito é destacado pelo coletivo na Carta de Orientação aos Participantes (2022), trazendo as palavras de Ana Freire:



*Boniteza* é conceito que tem a ver com a crença em um mundo mais justo. É posicionamento político. Tem a ver com direitos civis e humanos, fala do trabalho justamente remunerado, da comida na mesa, da escola popular e democrática de qualidade.

Como professora de Língua Portuguesa, e educadora popular, a pedagogia freireana - embora não tenha sido foco em meus estudos - perpassou toda a minha experiência militante de esquerda, minha trajetória profissional e pessoal. Contudo, como também enfatizado por vocês na Carta de Orientação (2022):

[...] mais do que nunca, neste momento histórico em que lutamos pela retomada da democracia no Brasil, Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, é um símbolo da resistência popular, cuja luta se fundamenta na dialética entre indignação e sonho de transformação.

Assim, o sentido de **Boniteza** como conceito me impregnou e evocou à minha memória outras bonitezas sobre o gênero textual **carta pedagógica**.

De imediato, lembrei-me, afetivamente, de uma publicação produzida pela Escola Sarapiquá\*, localizada em Florianópolis/SC, onde meu filho caçula cursou o ensino fundamental. A escola, de base sócio-construtivista, inspirou-se também na pedagogia freireana. A partir de uma jornada de formação de seus educadores com Madalena Freire, em 2019, as/os educadoras/es produziram lindas Cartas Pedagógicas, materializadas no livro: **Cartas de Intenção - práticas pedagógicas**.

\* *Sarapiquá* é uma escola da rede privada, localizada em Florianópolis/SC.

As informações sobre a publicação estão no site:  
<https://www.sarapiqua.com.br/revista-pedagogica/>.



# A Escrita

**ESCREVER** é a chave  
que dá acesso a  
nós mesmos.  
É a chave com que  
cada um pode abrir  
seu mundo para si e  
para o outro.  
A escrita tece o chão,  
o território de cada um.

Para se pensar melhor,  
tem-se que escrever,  
inscrevendo-se na  
própria história.

A escrita é de carne e osso,  
coração e razão,  
sentimentos pelos outros,  
por nós mesmos,  
pela vida, pelo mundo.  
A escrita faz anúncios,  
faz denúncias,  
faz declarações de amor,  
reivindicações, chamados,  
orações.

A poesia de Madalena Freire é o abre-alas da  
publicação:

A escrita é a geografia que  
conta a história de cada um.  
Cada um com seu jeito único,  
como impressão digital.

A escrita de cada um tem um corpo,  
um gesto, um som, um movimento,  
um ritmo, um gosto próprio,  
sua marca.

Na escrita, voamos, deslocamos,  
transbordamos mundos,  
nos eternizamos nos outros.

Sem a escrita não temos geografia  
nem pouso... esvoaçamos sem rumo,  
sem foco, sem chegada nem partida.  
A escrita dá corpo visível ao antes invisível,  
dá escuta ao grito, ao lamento,  
antes inaudível do calado.

A escrita é a carne do pensamento.  
As palavras escritas são as vestes  
dos pensamentos à procura  
de serem comunicados.



E é absolutamente conectada com o **Tetragrama da (Trans)formação permanente**, sintetizado por Freitas em seu artigo *Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire* no ano do Centenário do seu nascimento (2021, p.8), que **esta Carta Pedagógica notícia-convite inaugura a preparação da edição de nº 09 da Revista Texturas.**

## A Revista Texturas

A **OFICINA DA PALAVRA** nasceu em 2009 como um curso de redação em Florianópolis/SC. Em nosso aniversário de 10 anos, já tínhamos nos tornado um espaço voltado para o desenvolvimento da expressão escrita, ampliando nosso público para todas/os que buscassem se desenvolver linguisticamente.

Foi quando decidimos criar uma revista literária para publicar textos de ex-alunas/os e convidadas/os (das redes literárias às quais estávamos conectados). Assim, as edições trazem textos de escritoras/es iniciantes e experientes.

Percebemos que o fato de terem seus escritos revisados, diagramados em formato bonito, acompanhados de ilustração cuidadosa e publicados promove empoderamento aos que ainda se sentem intimidados em expôr a sua palavra para mundo.

A publicação de Texturas é semestral e já estamos no 4º ano remando contra a maré. Entre os textos temos contos, crônicas, poesias, aforismos, resenhas, ensaios e formas livres. As ilustrações são fotografias, desenhos, pinturas, colagens, bordados e outras imagens usadas como fios das vidas e das histórias.

Todas as publicações estão disponíveis em pdf em nosso site. A partir da 3ª edição, as revistas são acompanhadas, também, das versões em áudio - *Texturas Sonoras* - na voz das autoras e autores.

## Capas das revistas

**QUERIDAS**, também quero contar pra vocês um pouco da história das capas de Texturas. Repletas de bonitezas, são definidas após o encadeamento dos textos recebidos e partir do sentimento que eles nos evocam: a mim, Cyntia, e ao Ítalo, o designer e diretor de arte da revista.

Com exceção da última edição (nº 7), nas anteriores não havia tema pré-definido. Assim, os textos foram costurados a partir dos fios invisíveis que percebemos entre eles.

Digo isso porque a edição que proponho construir em conjunto com vocês também possui a gênese: **AÇÃO - EMOÇÃO - REFLEXÃO - REGISTRO**.



[www.ofpalavra.com.br/revista-texturas](http://www.ofpalavra.com.br/revista-texturas)



ESTA É A EDIÇÃO que marcou a estreia de nossa viagem editorial.



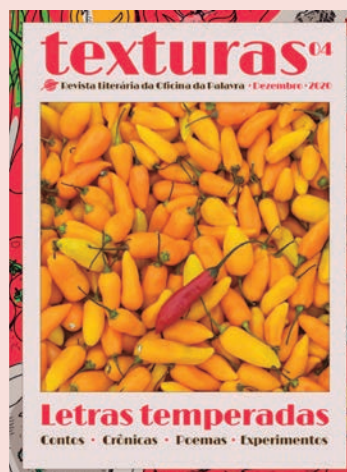
NO SEGUNDO NÚMERO, a capa ilustra os encontros literários casuais que a vida tem nos proporcionado. Conto essa história na apresentação.

Lembrei imediatamente dessa situação, ao me reconectar com Ana Lúcia e imaginar as possibilidades que podemos costurar com o Coletivo.

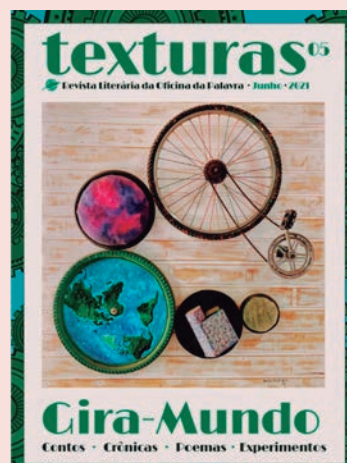


A TERCEIRA EDIÇÃO aconteceu no início da Pandemia e inverno no hemisfério sul, o que refletiu nosso momento: introspectivo, apreensivo, temeroso, rodeado pela morte.

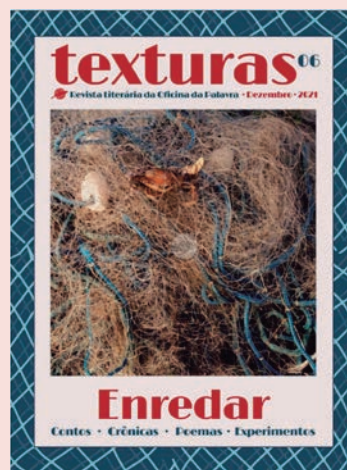
A pandemia prosseguia e os temas inver-  
nais ainda se faziam presentes. Mas, na  
**QUARTA EDIÇÃO**, tentávamos trazer  
as cores e o calor do verão, que inicia-  
va. A ideia era aquecer nossos corações e  
nos fortalecer de vitamina D, ajudando-  
-nos a superar as tragédias que vivíamos,  
e ainda vivemos, em nosso país.



Na **QUINTA EDIÇÃO**, resistimos, e  
continuamos a fazer o mundo literário-  
-político girar. Quem sabe, *Gira-mundo*  
tenha servido de inspiração para irmos  
além-mar?



A **SEXTA EDIÇÃO** homenageou todas  
as redes que temos construindo com a  
literatura.





Este é nosso **SÉTIMO NÚMERO** publicado e o primeiro com temática específica. A proposta foi criar uma edição-militante na nossa trincheira literária porque nosso tempo grita por isso. É tempo de resgatarmos antigas bandeiras! O lançamento foi com uma linda e potente festa-sarau, o primeiro após a pandemia.

No momento, estamos trabalhando na produção da oitava edição, que virá ao mundo em dezembro deste ano. Ao que tudo indica, teremos uma conexão Norte-Sul brasileiro.

E é com o coração e o olhar em 2023, que vislumbramos, de forma conjunta, a 9ª edição de *Texturas*. Como disse, queremos dedicá-la à produção de Cartas Pedagógicas na linguagem literária. Assim, teríamos Cartas Pedagógicas-Poemas, Cartas Pedagógicas-Contos, Cartas Pedagógicas-Crônicas, marcando esta nova **conexão: Paris-Florianópolis**.

## Andarilhagens

Outra palavra destaca por Ana Lúcia Freitas foi “Andarilhagem”, que já a incorporei como identidade deste projeto. A ideia é que trabalhem na construção da edição de nº 9 no primeiro semestre no próximo ano, e que o lançamento no Brasil aconteça em julho de 2023, seguido do lançamento em Paris em setembro.

Meu plano e do Ítalo, que além de designer de *Texturas*, é meu filho, é que consigamos condições materiais suficientes para participarmos do *IV Piquenique com Paulo Freire na França* no próximo ano. Inauguraríamos a expansão das fronteiras da revista *Texturas* e ampliaríamos nossas trincheiras de luta internacional por um outro mundo, menos desigual, menos injusto, mais fraterno.

Caso topem a empreitada, definiremos os detalhes mais adiante.

Esperando que abracem este projeto, me despeço com um caloroso abraço.

**Cyntia de Oliveira e Silva**

Editora da Revista *Texturas*

Oficina da Palavra

## Referências:

**Cartas de intenção: práticas pedagógicas**/Mara Lúcia Bastiani, Kátia Klock, organização. - Florianópolis: Contraponto, 2019.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior**. Revista Docência do Ensino Superior, Belo Horizonte, v. 11, e035283, p. 1-20, 2021.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento**. Cadernos de Educação - Faculdade de Educação | UFPel, 2021.

**Revista Texturas**. Cyntia de Oliveira e Silva, organização. Vários autores. Florianópolis: Oficina da Palavra Publicações. (Edições 1 a 7), anos 2019, 2020, 2021 e 2022. Disponível em <<https://www.ofpalavra.com.br/revista-texturas>>

# Texturas Literárias com Cartas Pedagógicas: tem cabimento?

Paris, 20-25 de outubro de 2022.

## Às queridas, queridos e querides leitoras/es da Revista Texturas

Hoje eu caibo nesse mesmo corpo que já coube  
Na minha mãe [...]  
Como toda gente tem que não ter cabimento  
Para crescer  
*Arnaldo Antunes (1)*

**ESPERO QUE ESTEJAM BEM** e que a leitura desta Carta Pedagógica, escrita para o oitavo volume da Revista Literária Texturas, se realize num novo tempo. Escrevo nos últimos dias do mês de outubro, num clima de grande expectativa em relação ao segundo turno da eleição presidencial que se aproxima. Espero - como ação de esperar e não de pura espera - que o lançamento da Revista aconteça em meio à alegria das celebrações de um novo ciclo que se anuncia. Um tempo de esperança, no qual a primazia do amor torne possível a conscientização sobre todas as formas de opressão, a superação de preconceitos de qualquer natureza, bem como o efetivo resgate e reinvenção das políticas públicas em favor de uma vida digna para todas, todos e todes. Dito de outra forma, um tempo em que seja possível, como propõe bell hooks, exercermos a prática do amor como potência para a construção de uma nova sociedade (SILVA, 2020).

Fico feliz em participar da Revista Texturas, escrevendo em resposta ao convite recebido pelo Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França em 9 de setembro de 2022, por meio da Carta Pedagógica escrita pela querida Cyntia Silva, editora desta revista. Sua produção integrou o *Varal Temático sobre Cartas Pedagógicas*, uma exposição interativa que ocorreu no *III Piquenique com Paulo Freire* no dia 18 de setembro, no Jardim Marielle Franco, em Paris.



Écouté. Fonte: acervo pessoal da autora.  
Fotos feitas em 19 de janeiro de 2020.



O título de sua Carta Pedagógica nos faz a seguinte provocação: Que tal criarmos uma conexão Florianópolis-Paris para construção de uma edição da Revista Literária Texturas com Cartas Pedagógicas Literárias?

É com um misto de empolgação e preocupação que nosso Coletivo agradece e aceita o convite. Por isso, a escrita desta Carta Resposta é uma forma de compartilhar o desafio assumido em relação à edição próxima da revista, em 2023, fazendo também uma provocação a partir do título, em forma de pergunta: “Texturas Literárias com Cartas Pedagógicas: tem cabimento?”. Convido a pensarmos sobre o cabimento das Cartas Pedagógicas na Revista Literária Texturas sugerindo, preliminarmente, evocar memórias para produzir novos sentidos acerca do inadmissível. Importa considerar: quais são os episódios (auto)biográficos em que a ousadia juvenil foi barrada pelo peremptório argumento de autoridade: “Isso não tem cabimento!”? Ao rememorá-los, que marcas identificamos no modo como lidamos com o incabível na vida adulta? Para compor esta provocação, o título é acompanhado pela epígrafe de Arnaldo Antunes, cuja música aborda o tema, sem restrições, concluindo que: “Toda gente tem que não ter cabimento, para crescer”.



*Écouté. Fonte: acervo pessoal da autora.  
Fotos feitas em 19 de janeiro de 2020..*

Nesta direção, é propício pensar/ fazer a aproximação entre Cartas Pedagógicas e Texturas Literárias, desafiando autorias que motivam ultrapassar fronteiras literal e metaforicamente. Vamos criar Cartas Pedagógicas Literárias? Ou seriam Cartas Literário-pedagógicas? Para seguirmos em diálogo, me apresentarei brevemente, além de dizer algumas palavras sobre o Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França e sua relação com o tema das Cartas Pedagógicas. Na continuidade, compartilharei a narrativa de uma inspiradora experiência que proporciona pensar sobre a potência das cartas, considerando ser este um importante ponto de partida para o reconhecimento do vigor conceitual implícito na expressão Cartas Pedagógicas, própria do legado de Paulo Freire, bem como os desafios de sua reinvenção.

Sou Ana Lúcia Souza de Freitas (podem me chamar de Ana Lu, que é como estou ficando conhecida nos últimos tempos), mulher, brasileira, professora, estudiosa de Paulo Freire, gaúcha e atualmente morando na França. Em 2019, vivi “um ano sabático” na “cidade luz”, no qual o entusiasmo da experiência inicial foi

inesperadamente impactado pelo assombro da pandemia COVID-19. Um tempo que fez redimensionar a vida, em muitos sentidos. Desde então, as idas e vindas entre Paris e Porto Alegre resultaram na mudança de residência, assim como numa radical mudança de vida no que se refere às rotinas e expectativas. Neste contexto, a escrita vem sendo vivida intensamente, de modo tão trabalhoso quanto prazeroso, exercida ao mesmo tempo como uma forma de diálogo comigo mesma e “com o mundo” (FREITAS, 2020a, 2020b).

Entre as principais experiências compartilhadas nestes últimos anos, destaca-se a criação do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França, do qual sou uma de suas cofundadoras. Criado em 2020, o momento histórico marcado pelo retrocesso da democracia no Brasil e os crescentes ataques ao Patrono da educação brasileira motivaram fazer contraponto a partir da constituição do grupo, assumindo o compromisso de promover o conhecimento e reinvenção da obra de Paulo Freire na França. Este é um Coletivo em construção, inicialmente reunindo mulheres, brasileiras, migrantes na França e atualmente constituído de profissionais e estudantes de diferentes áreas, cujos saberes e experiências se entrelaçam, se entrelaçam e se expandem. Também inclui integrantes residentes no Brasil, com maior ênfase no Rio Grande do Sul (RS). Contando com essa composição, o Coletivo assume o compromisso de promover conexões entre o Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire que se realiza no RS e o Instituto bell hooks Paulo Freire da França. Neste movimento, a experiência do Coletivo tem se aproximado do tema das Cartas Pedagógicas, contribuindo diretamente para a produção de conhecimento nesta direção. A recente realização do *Varal Temático sobre Cartas Pedagógicas*, contou com mais de 80 exemplares, oriundos de diferentes contextos educativos, incluindo produções mais recentes em francês e em espanhol.

Mas afinal, o que são Cartas Pedagógicas? A leitura do verbete de autoria do educador Adriano Vieira, no Dicionário Paulo Freire, é um bom ponto de partida para este conhecimento, pois além de apresentar uma leitura crítica sobre o conceito, indica as obras epistolares de referência. Sua apresentação enfatiza que a concepção freireana associa o rigor da escrita ordenada e refletida à amorosidade da escrita dirigida a alguém com quem nos vinculamos afetivamente. Em suas palavras:

A carta, como um instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter de rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso (VIEIRA, 2010, p.75).

A peculiaridade da escrita de Freire em forma de cartas é destacada por Nita Freire na introdução de suas Notas à obra *Cartas a Cristina*:

Ao fazer cartas no lugar de ensaios na sua forma mais tradicional, na qual um capítulo se sucede ao outro, caracterizando-se por uma sucessão logicamente desencadeadas de ideias, que se iniciam, desenvolvem e encerram em cada capítulo e da sucessão destes no todo do texto, não o fez. Fez ensaios sim, mas ensaios em forma de cartas, em que, sem negar as qualidades dos ensaios tradicionais, optou por esta forma menos habitual por acreditar que os textos assim redigidos são mais comunicadores. (FREIRE, Nita, 1994, p.239)

Todavia, é na obra nomeada por Nita Freire como *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros registros* (FREIRE, 2000) que a expressão ganha visibilidade como conceito específico do pensamento freireano. Em sua apresentação, Nita enfatiza a complementaridade de dois sentimentos humanamente contraditórios: o amor e a raiva, fundantes da Pedagogia da Indignação. Justifica assim o título atribuído à publicação: “Nesse livro Paulo nos conclama para a concretização deste “inédito”, desta utopia que é a democratização da sociedade brasileira, através do amor-indignação-esperança. Acreditei, portanto, que o título não poderia ser outro” (FREIRE, Nita, 2000, p. 13).

É nesta perspectiva da *Pedagogia da Indignação*, que inclui a defesa do amor como potência para a construção de uma nova sociedade, que a escrita de *Cartas Pedagógicas* anuncia possibilidades de exercermos a boniteza da escrita como escuta de si, no mundo e com o mundo. Não por acaso é a escolha das imagens que acompanham a parte inicial desta Carta Pedagógica. *Écoute* é uma escultura de rua em Paris, criada pelo artista francês Henri de Miller (1953-1999). Está instalada em uma praça ao lado da Igreja *Saint Eustache*, junto ao *Forum Les Halles*, um espaço de grande circulação na cidade. Esta, entre muitas outras artes públicas nas ruas da cidade, é especialmente inspiradora da curiosidade epistemológica sobre o sentido freireano da escuta, no qual “Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (FREIRE, 1996, p.35). (2)

Aprender a escutar, no sentido ampliado que Paulo Freire propõe, é expressão da radicalidade da experiência do diálogo, exercido também por meio da escrita. Neste sentido, reinventamos a escrita de *Cartas Pedagógicas* como escrita engajada, de quem convida ao diálogo, exercendo a escuta para estabelecer relações entre texto e contexto. Por isso, a pergunta-título desta Carta Pedagógica convida a somarmos esforços nas *Andarilhagens* com *Cartas Pedagógicas*, considerando que:

Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um “estar aqui” e um contínuo “partir”, “ir para”. Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados) e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” – para usar uma palavra cara aos dos anos 1960 – os “comprometidos com o outro, com uma causa”) (BRANDÃO, 2018, p.44).

Assim, as Cartas Pedagógicas nos convidam a viver as bonitezas do verbo *Andarilhar*, por meio da escrita. Boniteza, também no sentido freireano, é pensada como uma palavra que “expressa o *pensar certo* sobre o amor, a beleza e a ética; portanto, como uma palavra que carrega nela mesma a eticidade, a esteticidade e a politicidade” (FREIRE, Nita, 2021, p.19-20). As Andarilhagens compartilhadas com Cartas Pedagógicas revelam a boniteza das perguntas produzidas no movimento das experiências que, vale enfatizar, se entrelaçam, se entreajudam e se expandem. Entre outras, nos instigam a compartilhar a reflexão sobre: Onde nossa escrita nos leva? Por onde andam as Cartas Pedagógicas? Será que todas as cartas são pedagógicas? Como orientar, sem prescrever, a escrita de Cartas Pedagógicas com propósitos acadêmicos? Tantas questões não esgotam o potencial de reinvenção do legado que Paulo Freire nos deixou; ao contrário, suscitam sempre novas possibilidades, sem perder de vista uma questão fundante desta reflexão: Qual a importância das cartas na história da humanidade?(3)

Enfim, é em função da boniteza das Andarilhagens com Cartas Pedagógicas que a aproximação com a Revista Texturas faz sentido, desafiando-nos mutuamente a expandir as perguntas, considerando: será que as Cartas Pedagógicas podem ser também Literárias? Um convite para reinventar as Cartas Pedagógicas, em diálogo com a literatura! Será que este convite tem cabimento? À primeira vista, pode até parecer descabido, mas, pensando bem, por que não? É olhando curiosamente para as Andarilhagens da Revista Texturas que podemos encontrar sentidos cuja potência nos aproximam.

Em sua edição de número 7, a Revista Texturas recebeu o título de *Trincheira poética*, assumida como uma escrita militante, trazendo como editorial: Luta - armada - de - palavras. A leitura sugere pensar sobre quão pertinentes podem ser as tecituras com as Cartas Pedagógicas, visto que coadunam com os sentidos políticos e estéticos atribuídos às texturas literárias. Já a edição número 6, nomeada *Enredar*, faz cerziduras e narra andanças que produzem questionamentos, cultivam afetos e sugerem projetos ousados e transgressores; por isso, inspiradores. Então, por que não pensar que enredar-se seria uma boa forma de expressar o potencial emancipatório da escrita em forma de Cartas Pedagógicas? De igual modo, as demais edições - *Gira mundo*, *Letras temperadas*, *Troca de folhas*, *Búzios*

*literários, Palavras ao mar* – também nos inspiram a pensar/fazer aproximações literárias e pedagógicas.

Nesta direção, e levando em conta o valor das cartas como patrimônio da humanidade, merece atenção observarmos a significativa presença deste gênero de escrita como fonte de inspiração que permanece ao longo dos tempos, em diversas formas de expressão cultural. Entre outras, podemos identificar a presença das cartas no cinema, na música, na pintura, na poesia e no teatro, como sugere a sequência de imagens a seguir.



Fonte: Montagem elaborada a partir dos sites indicados. (4)

A escolha das imagens de referência para esta reflexão não é aleatória; ao contrário, revela experiências singulares por meio das quais foi se adensando a emoção/reflexão sobre a potência da carta enquanto gênero de escrita. Neste sentido, a vida pessoal complementa as ações de pesquisa, ampliando referências que proporcionam vislumbrar como arte, literatura, política e pedagogia se entrelaçam e se fortalecem ao comunicar, questionar, promover experiências de admiração e reflexão, proporcionando exercer o diálogo com diferentes saberes e suscitando a tomada de posição *no* mundo e *com o* mundo.

Entre as experiências pessoais referidas a partir das imagens, destaco, para a reflexão nesta Carta Pedagógica, a peça de teatro *Cartas de Amor*, cuja oportunidade de assistir ocorreu no Teatro Belas Artes em Madrid, 22 de janeiro de 2020. Recorro aos registros feitos há mais de dois anos em meu diário pessoal, revisitando a intensidade da reflexão mobilizada naquele momento acerca da potência das cartas. A atualidade desta compreensão é um ponto de partida para o reconhecimento, conforme já referido, do vigor conceitual implícito na expressão Cartas Pedagógicas, própria do legado de Paulo Freire. Além disso, tematizar as cartas de amor pode ser fonte de inspiração para realizar aproximações pedagógicas e literárias. É com a finalidade de convidar ao diálogo nesta direção que compartilho a narrativa a seguir.

A interpretação do casal em *Cartas de Amor* se faz, literalmente, a partir da leitura de cartas. Um homem e uma mulher, encontram-se sentados em cadeiras

dispostas lado a lado; ambos virados para a frente, olham não um para o/a outro/a, mas para longe... leem cartas escritas entre si ao longo de suas vidas. Leem a escrita e a resposta de cada carta, alternando-se na leitura, pegando e largando os papéis, um a um, gesticulando a passagem do tempo. Aliás, merece destaque, a cena inicial da peça é com a abertura de uma caixa, de onde ele tira todas as cartas. O curioso é que a leitura não é da carta recebida, mas da carta enviada. Assim, fica bastante convincente a escrita como forma de diálogo. Cada um lê o que escreveu para o outro com uma entonação carregada dos sentimentos próprios de cada momento vivido ao longo dos mais de 40 anos em que trocaram cartas entre si. Isto inclui alguns momentos em que só ele escreve, várias vezes, pedindo notícias, e ela silencia, porque está envolvida com muitas e intensas experiências... E vice-versa; há momentos em que ela escreve e ele fica algum tempo sem responder. A troca de cartas inicia na década de 30, ainda jovens, e seguem ao longo da vida, até a morte da mulher, chamada Melissa. A primeira e a última carta que ele, chamado Andy, escreve, são para a mãe dela. Inicialmente, buscando localizá-la e por último, após a sua morte, pedindo para ficar com todas as cartas. Diz também que não conseguirá mais escrever e que esta será sua última carta. É assim que a história se encerra.

A narrativa chama atenção, entre outros aspectos, pelo modo como o diálogo exercido por meio das cartas problematiza o próprio ato de escrevê-las. Em mais de um momento ao longo da vida, ela questiona a adoção da prática da escrita, sugerindo que se encontrem mais, pessoalmente, ou que falem por telefone. É peculiar o modo como ele argumenta que escrever cartas é melhor do que telefonar. Importa levar em conta que vivem em um momento histórico anterior à internet e às redes sociais, no qual o próprio telefone ainda era algo novo, pouco incorporado às rotinas diárias. Isso se evidencia no modo como ela contra-argumenta, visivelmente sem paciência e ele segue se justificando. Inicialmente, apresenta aspectos bem objetivos; diz que prefere escrever porque ao telefonar do escritório tem barulho, passa muita gente e não pode falar à vontade. Para ela, isto seria muito simples de resolver. Afinal, não é tão caro comprar um telefone e isso lhe daria uma liberdade enorme. E sugere a ele que faça como ela: tenha um telefone em casa para que possam abandonar as cartas. Diante disso, os argumentos vão se desenvolvendo de tal modo que ele vai deixando-se revelar; não só para ela, mas principalmente para si mesmo. Ele insiste em manter a escrita das cartas, dizendo: o que falamos ao telefone, se perde; as cartas são imortais. E por aí segue o diálogo, até que ele diz, definitivamente: não me tires as cartas; não posso parar de escrever; as cartas são parte de mim.

Assim, seguem a vida escrevendo cartas entre si. Cartas que narram duas vidas que se aproximam e se afastam. Alguns momentos juntos, outros cada um vivendo sua vida. No início, ele queria casar; ela disse que não era o momento. Depois suas vidas tomaram rumos distintos, embora permanecessem em contato, trocando

confidências e revelando-se por meio da escrita. Nas situações de indignação com os rumos da vida, ele costumava repetir a mesma frase: “O mundo é uma merda!”. Igualmente dizia repetidamente, a contragosto, diante de alguns acontecimentos: “A vida é aleatória!”. No contexto das relações entre os dois, o aleatório a que se referia tinha o sentido de que a vida estava sendo injusta com eles.

Apesar de tudo, consideravam que tiveram vidas profissionalmente exitosas. Ele perseguiu a vida política, com grande reconhecimento, se tornou senador. Ela seguiu a carreira artística, mudou-se para a Itália, fez um curso de pintura em Florença; depois morou em Nova Iorque, tornando-se uma artista igualmente com grande reconhecimento. Ao longo de suas vidas, escreveram cartas ou cartões postais; enviaram convites, mesmo sabendo que não poderiam ser aceitos, mas fazendo disso um modo de dizer e saber notícias sobre os rumos de suas vidas: o casamento, os filhos, as eleições, as exposições... Assim, por meio da escrita foram acompanhando-se, contando de si ao mesmo tempo em que se questionavam um ao outro, fazendo sugestões de futuro.

Num dado momento da vida, resolvem assumir seu romance; viajam para encontrar-se às escondidas, já que ele continua casado. Aí o tom das cartas muda; fazem combinações para se encontrar, incluindo cobranças e ansiedades, de ambas as partes; deixam claro o excesso de energia guardada para cada encontro e o tanto de expectativa gestada em cada intervalo. Na sequência, o conteúdo das cartas dela começa a retratar certo declínio dos sentimentos, deflagrando momentos de tristeza, decepção, desânimo e apatia diante da vida. Numa das cartas diz, explicitamente: eu gostaria de voltar a sentir todas as emoções do passado.

No decorrer da narrativa, torna-se evidente como as vibrantes ou desanimadas emoções ficam guardadas nas cartas. Aos poucos ela vai se despedindo, se afasta e não quer mais que ele a procure. Numa última carta, confessa que sofre de alcoolismo e este é o motivo de seu afastamento; pede que não venha visitá-la. Diz que ficou gorda, está doente e com os cabelos desarrumados, mas que gostaria que ele guardasse dela a imagem da princesa que conheceu. Ele insiste, dizendo que vai visitá-la. Mas a última carta dele é, já, a carta que escreve para a mãe dela. Uma carta linda, cuja escrita revela como percebe, reconhece e assume publicamente o seu amor por Melissa, enfatizando o quanto foi importante terem mantido a escrita de cartas entre si. Mesmo que cada um seguisse sua vida, a escrita fez com que soubessem que sempre teriam alguém com quem contar. Por isso, escreve para a mãe dela, dizendo que quer ficar com todas as cartas. Para ele, as cartas são imortais. Elas contam histórias de amor: amor entre si; amor pela escrita; amor pela arte e pela política; enfim, amor pela vida. Ou seja: as cartas de amor trocadas entre Andy e Melissa, ao longo de suas vidas, revelam como a escrita pode eternizar emoções, mesmo que transformadas.

Enfim, *Cartas de Amor* é uma narrativa inspiradora, pois proporciona reconhecer

que a escrita de cartas está inegavelmente marcada pela força de expressão das palavras que guardam emoções de cada tempo vivido. Também inspira porque nos coloca diante do óbvio: é inegável que as emoções mudam. Por isso, a escrita de cartas tanto proporciona guardar emoções vividas em cada momento quanto acompanhar suas transformações. Escrever para cultivar emoções, atribuindo novos sentidos e significados a cada momento vivido pode ser um bom motivo para seguirmos escrevendo cartas, para seguirmos reinventando o legado de Paulo Freire com Cartas Pedagógicas e para desafiarmo-nos mutuamente à produção de Cartas Pedagógicas **com** Texturas Literárias, de diversas formas e com diferentes finalidades.

Ao concluir, importa destacar, como aprendemos com Paulo Freire: o óbvio de um/a não é o óbvio de outro/a. Neste momento que precede a eleição, as cartas apresentam novas ênfases e significados; têm se constituído como mais uma forma de reunir e apresentar argumentos em favor de determinada posição política(5). Por isso, vale dizer: as cartas a que nos referimos como Cartas Pedagógicas não são neutras, têm uma dimensão política; outras, são eminentemente políticas, mas com um profundo sentido pedagógico.

Em síntese, a potência das cartas está na diversidade que lhe é peculiar; o sentido pedagógico de sua reinvenção é um fecundo tema em discussão, envolvendo rigor e amorosidade; a perspectiva do esperar é uma convergência a ser perseguida, somando esforços e mobilizando autorias. Este é o desafio que se apresenta com a pergunta título: “Texturas Literárias com Cartas Pedagógicas: tem cabimento?”. Retomando a epígrafe, importante é não perdermos a inspiração em Arnaldo Antunes, levando em conta que: “Toda gente tem que não ter cabimento, para crescer”. Neste sentido insurgente se gesta a expectativa do diálogo, esperando imensamente que a leitura desta Carta Pedagógica ocorra no momento em que estaremos inaugurando um novo tempo histórico. Um tempo em que, conforme referido inicialmente, se torne possível esperar quanto à “criação de um mundo em que seja menos difícil amar”, para a qual Paulo Freire tanto nos inspira! (FREIRE, 1987, p.184). De igual forma, o diálogo com bell hooks, ao enfatizar o amor como potência para a construção de uma nova sociedade, desafia-nos a expressar o que referimos como amor, por meio da ação. Segundo ela, “O amor é o que o amor faz. [...] Quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança” (hooks, 2020, p.55). Registra-se uma última provocação, não menos importante: seria a escrita de Cartas Pedagógico-literárias ou Literário-pedagógicas uma alternativa para tematizar o amor, em direção a uma nova sociedade?

Forte abraço freireano e até breve.

*Ana Lúcia Souza de Freitas*



## Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. – 4. ed. rev. amp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 44-45.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (Nita). Notas. *In*: Freire, Paulo. *In*: **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p.237-334.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (Nita). Apresentação. *In*: **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000, p.9-13.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 22<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire**. São Paulo: BT Acadêmica; Porto Alegre: Poiesis & Poiética Casa Publicadora, 2020a.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Leituras de Paulo Freire: Uma Trilogia de Referência**. Prefácio de Ana Maria Araújo Freire; posfácio de Maria Cândida de Moraes; contribuições de Maria Luísa Souto Maior Spitéri, Felicia Jennings-Winterle e Oscar Jara H. - 2a ed. amp. - New York: Edidtora BeM, 2020b.
- hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. (tradução de Stephanie Borges). São Paulo, Elefante, 2020.
- SILVA, Silvana. **A prática do amor como potência para a construção de uma nova sociedade**. Prefácio à edição brasileira. *In*: hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. (tradução de Stephanie Borges). São Paulo, Elefante, 2020, p. 8-22.
- VIEIRA, Adriano Hertzog. Cartas Pedagógicas. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 75-76.

## Notas:

1. Música: Cabimento. Disponível em: <https://www.letras.com/arnaldo-antunes/91448/>

2. Uma releitura desta obra de arte foi pintada pela artista Lídia Quaresma, integrando as atividades de celebração do aniversário de Paulo Freire em Paris, no *III Encontro com Leituras de Paulo Freire*, realizado de 17 a 19 de setembro de 2022. Mais sobre a artista em Instagram@atelierlidiaquaresma

3. Uma importante referência a respeito das cartas na história da humanidade, as Cartas Pedagógicas na obra de Paulo Freire e sua reinvenção com os movimentos sociais é: CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

4. As imagens são apresentadas com o intuito de despertar a curiosidade epistemológica em relação à potência inspiradora deste gênero de escrita, em atividades culturais diversas. Na sequência, da esquerda para a direita, as imagens são exemplares de: (1) Cartas no cinema: “Carta ao primeiro ministro”, Rakesh Omprakash Mehra (2019) – <https://filmow.com/mere-pyare-prime-minister-t278297/trailers/>; (2) Cartas na música: “Devolva-me”, Renato Barros e Lílian Barrie Knapp, interpretada por Adriana Calcanhoto no álbum Público (2000) – <https://www.youtube.com/watch?v=6QVC5IX8QPI>; (3) Cartas na pintura: “Woman in Blue Reading a Letter”, Johannes Vermeer (1663) – <https://www.arteeblog.com/2014/12/20-pinturas-com-cartas.html>; (4) Cartas na poesia: “Carta”, poema de Carlos Drummond de Andrade, publicado no livro Claro enigma (1951); comentário de Gustavo Zeitel, incluindo a imagem da pintura “São Jerônimo que Escreve” (Caravaggio, 1605-1606) – <https://correio.ims.com.br/poesia/carta-um-comentario-sobre-o-poema-de-drummond/>; (5) Cartas no teatro: “Cartas de amor” de A. R. Gurney, con dirección y versión de David Serrano e interpretação de Miguel Rellán y Julia Gutiérrez Caba, Teatro Belas Artes, Madrid (2020) – [https://youtu.be/8a2r0HX\\_DqQ](https://youtu.be/8a2r0HX_DqQ).

5. Exemplar neste sentido é a *Carta ao Povo Brasileiro*, escrita por Luís Inácio Lula da Silva (Lula) em 22 de junho de 2002, ano eleitoral marcado pela vitória do Partido dos Trabalhadores pela primeira vez.





## Colaboraram com ilustrações para esta edição:

**Aog Rocha.** (1972 - ) Nascido em Marapanim-PA, vive desde 2000 no Amapá, onde recebeu, em 2017, o título de “cidadão amapaense”. É fotógrafo, cinegrafista, artista plástico, designer gráfico, professor. Atuou como Conselheiro de Cultura do Município de Macapá, na cadeira de Artes Visuais ano 2020/2022. Seu trabalho como fotógrafo foi premiado em II e V CONJU (CONGRESSO DE JORNALISMO DA UNIFAP) e no 3º Salão de Fotografia de Universidade de Franca - UNIFRAN. Instagram@aog.rocha - Facebook@AogRocha



**Cyntia de Oliveira e Silva.** (1966 - ) Brasileira, vive em Florianópolis/SC. É professora de Língua Portuguesa, fundadora da Oficina da Palavra e editora da Revista Texturas. Apaixonada por palavras, busca inspiração na poesia, música, cinema, fotografia e artes plásticas. [www.ofpalavra.com.br/cyntiasilva](http://www.ofpalavra.com.br/cyntiasilva)



**Gildson Lima.** (1995 - ) Nascido em Mãe Luiza, comunidade situada em Natal/RN, CONCARINO (Instagram@carinhocon) começou no pixo aos 21 anos de idade e, desde então, concentra-se nessa segmentação de arte urbana. Seu trabalho tem como objetivo expor e gerar reflexões sobre questões e corpos sociais marginalizados. CONCARINO atualmente também atua com o projeto *Raizes do Morro* (Instagram@raizes\_morro), um espaço dedicado ao cultivo, comercialização e cuidado de plantas e artigos paisagistas.



**Glória Braga.** (1957 - ) Natural do Paraná, filha de David da Silva Braga e Izaura de Oliveira Braga. Viúva e mãe de um casal de filhos, sempre esteve envolvida com atividades artísticas como teatro, festivais de música e mostras culturais da comunidade. Dentre tantas habilidades, escolheu desde 2004 dedicar-se à prática da Pintura em Tela e transmite sua paixão pela arte através das cores e formas.



**Juliana Sell.** (1971 - ) Natural de Florianópolis/SC, a arte sempre esteve presente em sua vida desde criança. Estudou piano na infância e, na vida adulta, a partir de 1996, participou do coro lírico por quase 10 anos, fazendo parte do espetáculo “Vozes da Primavera”. Ainda traz a música e a dança em sua vida. Estudou pintura aquarela em 2016 e migrou para o bordado livre. Participou do concurso do SESC Paraty em 2018, onde expôs obra de bordado livre. Atualmente dedica-se à escrita de poesias, crônicas e contos. Em 2022 lançou seu primeiro livro de poemas *Antes de deitar na minha cama* (Mondrongo) e participou de 3 antologias poéticas. É mãe de Theo e Pedro.



**Lidia de Freitas Quaresma.** (1963 - ) É natural do Rio de Janeiro/RJ e fez sua primeira exposição de arte aos 18 anos. Atualmente conta com loja-galeria em Natal/RN (Instagram@atelierlidia-quaresma) e em Gaia-Portugal (Instagram@taipa\_galeria).



**Lorenzo Panarotto.** (2008 - ) É natural de Florianópolis-SC e há 14 anos brinca com palavras, traços, sabores e sons. Toca violoncello desde os oito e gosta de dizer que é artista. Vive em Linhares-ES e tenta mover de alguma forma o espírito cultural da cidade.



**Marcelo Vaz Cabral.** (1969 - ) Gerado e criado na Ilha de Santa Catarina, porém nascido em São Paulo, capital. É arquiteto e urbanista graduado pela Universidade Federal de Santa Catarina, com Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da cidade na mesma instituição. Amante das Artes e da Filosofia. Instagram@vazmarcelocabral





**Bússola 2.**

Foto de *Cyntia Silva*. Florianópolis/SC, 2022.



## A proposta da Oficina da Palavra

A produção de textos, nos seus mais variados gêneros, é uma atividade com a qual nos deparamos cotidianamente, quer em situações formais ou informais. No contexto de comunicação digital, redigir de forma eficiente tornou-se um poderoso instrumento de interação social. Entretanto, ainda são muitas as pessoas que possuem alguma espécie de bloqueio para o manejo da linguagem escrita.

Na Oficina da Palavra, proporcionamos algumas ferramentas e técnicas para o desenvolvimento da consciência textual e do raciocínio crítico. Nosso combustível é a paixão pelas palavras e pelo poder que elas proporcionam para impulsionar a necessária mudança social.

A **Revista Texturas** é uma publicação literária da Oficina da Palavra. Ex-alunos e convidados trazem a literatura em suas vidas e nos brindam com suas palavras e reflexões. Entre os textos, temos contos, crônicas, poesias, aforismos, fotografias, artes plásticas e outras imagens usadas como fios das vidas e das histórias que passam por ela.

## Espaço para estimular a expressão escrita

Oferecemos suporte à prática da redação em diversos contextos: literário, acadêmico ou técnico; vestibular e concurso; mídia digital ou [simplesmente] para o prazer de escrever criativamente.

## Contatos:

[cynthia@ofpalavra.com.br](mailto:cynthia@ofpalavra.com.br)

(48) 9 8481-0843

[Instagram@oficina\\_da\\_palavra](https://www.instagram.com/oficina_da_palavra)

**[www.ofpalavra.com.br](http://www.ofpalavra.com.br)**





**OFICINA**  
*da Palavra*   
PUBLICAÇÕES

[WWW.OFPALAVRA.COM.BR](http://WWW.OFPALAVRA.COM.BR)